CISION
ID: 51878041
Público
19-01-2014 | 2
Tiragem: 37425
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral
Pág: 26
Cores: Cor
Área: 26,96 x 31,39 cm²
Corte: 1 de 7

A MORTE É UM ESCORREGA

E se a morte fosse algo que acontece porque não há espaço para todos no planeta? E se a alma fosse "da cor do arco-íris", porque isso é alegre? E se para o céu só vai a alma, como se faz para jogar futebol no céu? E se vida e morte fossem como um escorrega? Inês Barahona e Miguel Fragata falaram com mais de 200 alunos do 1.º ciclo do ensino básico. E ouviram hipóteses como estas. Inspiraram-se no que eles disseram para contar uma história sobre um assunto de que nenhum adulto gosta de falar. Muito menos com os filhos. O espectáculo A Caminhada dos Elefantes *é, dizem, para as crianças verem com os crescidos.* **ANDREIA SANCHES**

SUSANA PAIVA

CISION

ID: 51878041

Público

19-01-2014 | 2

Tiragem: 37425
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 27
Cores: Cor
Área: 27,38 x 33,23 cm²
Corte: 2 de 7

CISION

ID: 51878041

Público

19-01-2014 | 2

Tiragem: 37425
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 28
Cores: Cor
Área: 27,38 x 31,12 cm²
Corte: 3 de 7

ENRIC VIVES-RUBIO

Eduardo está triste há já algum tempo. Morreu a *Mia*. Tinha só 3 anos. Eduardo tem 9. Desenha a *Mia* numa folha de papel A4, ela pequenina, no centro da folha. É um grande vazio. Ele gostava muito daquela gata de pêlo amarelo.

Para afastar a tristeza, é bom "comer doces", diz cabisbaixo. Comer doces está na sua "caixa de ferramentas do coração" – foi assim que foi baptizada a "caixa de ferramentas" que Eduardo e os colegas de turma, na Escola Básica de Sobral de Monte Agraço e Santo Quintino, foram desafiados a conceber. Nesta caixa, não há martelos nem berbequins. Há uma lista de coisas que cada um desenhou, coisas que usariam para lidar com a morte – de um gato de estimação, de uma tartaruga, de um primo afastado, de uma avó.

Que ferramentas foram postas na mala pelos alunos do 1.º ciclo do ensino básico? "Lenços de papel, para se chorar", diz uma menina. "Flores e velas", diz outra. "Rezar à noite", "ir ao funeral", "ter sempre uma fotografia para lembrar a pessoa que desapareceu", "fazer uma coisa que distraia e faça pensar em coisas boas", como jogar PlayStation, futebol ou comer doces. Comer doces foi referido por vários alunos, para além de Eduardo.

Noutras escolas, de outros pontos do país, foram recolhidas mais "ferramentas". "Comprar um animal de estimação e dar-lhe o nome da pessoa que morreu", por exemplo. "Fazer o prato preferido da pessoa que morreu, pôr um lugar vazio na mesa e comer."

Um rapaz desenhou uma embalagem de Betadine, chamou-lhe "Métádine". Explicou que pomada é o que se põe nas feridas para curar. Às vezes arde, mas cura.

A maior parte dos alunos da turma do 3.º ano da professora Ana Luísa Santos, em Sobral de Monte Agraço, perderam algo de que gostavam muito. Ou alguém. Tomás, 8 anos: "Eu tenho muitas mortes!" E desenha: "Dois patos... até chorei no Natal; uma tartaruga, dois caracóis, o avô Francisco, o coelho do meu tio."

E nesta conversa animada, em que cada um põe o dedo no ar para falar, argumentar e contra-argumentar, debate-se, durante mais de uma hora, com a professora e dois artistas de teatro, esta coisa da perda, do que significa estar vivo e já não estar.

A morte, segundo as crianças, pode ser muita coisa. André, 8 anos, já está com o dedo no ar há uns minutos. Chega a sua vez. "É como um escorrega. Quando acaba o escorrega da vida, começa o escorrega da morte."

A imagem do escorrega agrada, evidentemente, aos colegas. E quando acabas de escorregar? Chegas ao chão e depois? – pergunta um e outro e outro. "É infinito", responde André. "Como os números."

Riem-se todos. Eduardo também se ri.

A turma do 3.º ano da professora Ana Luísa fez parte do grupo de cerca de 240 alunos entre os 6 os 11 anos com quem Miguel Fragata e Inês Barahona falaram sobre a morte no último ano.

Miguel Fragata é licenciado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema, nasceu no Porto em 1983, tem trabalhado como actor e co-criador de espectáculos de teatro e dança, desenvolve regularmente projectos que relacionam artes e educação. Tal como Inês Barahona, mestre em Estética e Filosofia. Nasceu em 1977, está habituada a trabalhar para um público escolar, familiar e especializado na área da educação (até 2008 trabalhou no Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém, sob direcção de Madalena Victorino). Um dos seus últimos projectos passou pela encenação em 2013 do espectáculo *A Verdadeira História da Ciência*, para a programação da exposição *360º – Ciência Descoberta*, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Moita, Sesimbra, Guimarães, Viseu, Sobral... foram alguns dos locais por onde Inês e Miguel passaram, desde Maio do ano passado, para trabalhar com turmas de 20 a 25 alunos – dois, três encontros com cada turma, mais ou menos espaçados no tempo.

Tinham uma ideia para uma peça de teatro infantil que também é para adultos, sublinham, porque os adultos têm tantos problemas em explicar a morte às crianças. "A morte, que é algo que nos liga a todos, já foi considerado o grande tabu deste século", lembra o actor.

O espectáculo seria, então, sobre a morte, sobre como ela é vista pelos adultos e pelas crianças e sobre o "desacerto" entre uma e outra perspectiva. Os alunos da professora Ana Luísa, e todos os outros, ajudaram a construí-lo. Já se verá como.

Chama-se *A Caminhada dos Elefantes*. Estreou-se na Moita a 17 de Novembro, passou pelos teatros de Santarém, Montijo, Alcanena, Sobral, Sesimbra, Almada e estará no Teatro Maria Matos, em Lisboa, entre 22 e 26 Janeiro.

Começa com a imagem de um planeta onde não há morte, onde as pessoas nascem, uma atrás da outra, até que ficam sem espaço – Inês e Miguel ouviram isso muitas vezes das crianças, a morte apresentada como "uma questão quase logística". "Uma pessoa morre e abre espaço para outra pessoa nascer. Para as crianças, é uma razão para a morte existir e é simples", diz Miguel.

Também há, logo no início da peça, um jogo de proibição. O actor avisa o público (que tem sido em grande medida constituído por crianças que vão com os pais, o que é o ideal, diz) de que não se vai poder falar de morte durante a apresentação. Não se poderá usar palavras como "morte", "morto", "matado", "morreu"... e de cada vez que essas palavras forem pronunciadas, o público deve reagir: levantar a mão, assinalar falta.

As crianças participam no jogo, alegremente, e levantam a mão de cada vez que o actor se distrai e diz uma palavra proibida. Já "os adultos percebem que é provocatório", diz Miguel. Sabem bem que é coisa de adulto isto de usar eufemismos para falar do assunto.

Lista de "mentirinhas" clássicas, que os adultos usam, relatadas por crianças: "A avó foi fazer uma viagem", "está na terra dos trisavós", "foi dormir e está num sono muito comprido", ou "está muito doente".

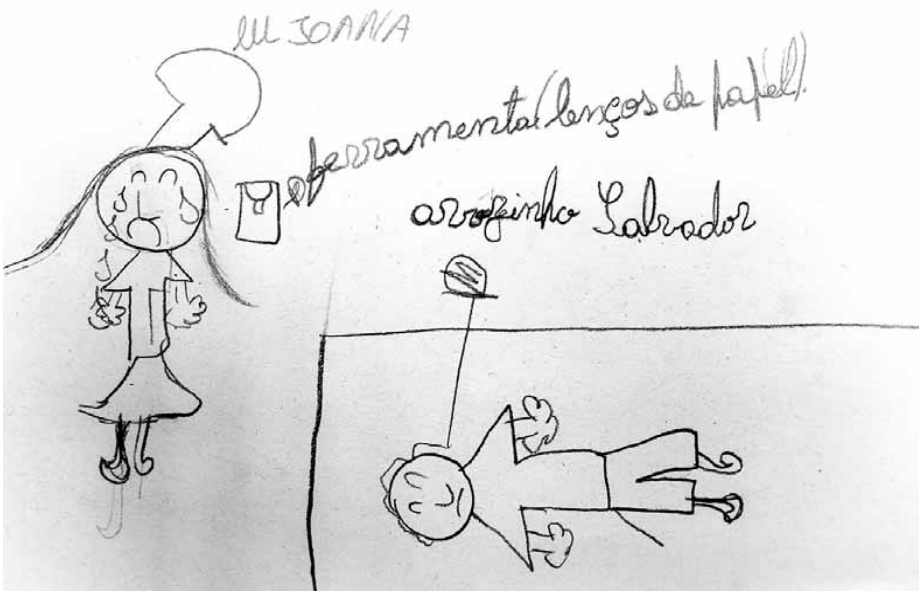
As crianças mais pequenas ficam a achar que a avó ainda vai acordar e as mais velhas sabem perfeitamente que a avó morreu (já dizia o pediatra norte-americano T. B. Brazelton que as crianças não confiam em respostas co-

CISION
ID: 51878041
Público
19-01-2014 | 2
Tiragem: 37425
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral
Pág: 29
Cores: Cor
Área: 27,02 x 31,48 cm²
Corte: 4 de 7

SUSANA PAIVA

A turma do 3.º ano da Escola de Sobral de Monte Agraço (pág. à esq.) fez parte do grupo de 240 crianças que ajudaram a construir *A Caminhada dos Elefantes*. Nos *workshops* com os alunos, foi-lhes pedido que construíssem uma mala de ferramentas para lidar com a perda (foto imediatamente à esq.). Joana diz que uma das ferramentas é "lenços de papel" (desenho em baixo)

ENRIC VIVES-RUBIO



ENRIC VIVES-RUBIO

> É como um escorrega. Quando acaba o escorrega da vida, começa o escorrega da morte. É infinito. Como os números
> **André, 8 anos**

mo estas). Depois de terem passado meses a falar com mais de 200 miúdos, Inês e Miguel não têm dúvidas: "De norte a sul, as crianças percebem que a morte de alguém é um assunto de que não se fala. E muitas sabem muito bem que estão a ser enganadas. Perguntámos às crianças por que é que isso acontecia e se elas preferiam ser enganadas. E a resposta, na maior parte dos casos, pode resumir-se assim: elas dizem que precisam do tempo de ser enganadas, para poderem resolver as suas questões, para, depois, quando lhes disserem a verdade, já estarem muito bem. Porque o que elas sentem é que não têm espaço para estar tristes, porque os adultos ficam muito aflitos com isso."

As crianças têm um sentido de responsabilidade enorme – a mãe está triste, não querem que fique ainda mais. Inês sintetiza: "Vivem um luto secreto, que muitas vezes só é partilhado com os seus pares – e encontramos isso em muitos estudos da psicologia. Crianças que viveram de perto a morte de alguém próximo deixam de eleger os pais, os adultos, como interlocutores para falar sobre o assunto. E falam antes com os seus pares."

Mas a morte não é apenas tema quando se perde algo ou alguém próximo.

"Até aos 6 anos, por volta disso, as crianças pensam na morte como uma coisa natural, que está associada à natureza, aos animais, às plantas", diz Miguel. "Aos 8, 9 anos fazem muitas perguntas, contam pesadelos que têm com a morte dos pais e isso é incomodativo para eles, angustia-os. Aos 10, 11, os mais velhos com quem trabalhamos, já têm consciência de que as coisas têm um fim, que vão terminar", eles também, sublinha Inês. É, precisamente, a ideia de fim, do irreversível, que é mais difícil de apreender por uma criança.

Ao mesmo tempo, são muito frequentes as perguntas sobre o que acontece quando se morre – as árvores e as plantas alimentam-se dos corpos na terra? Quem vai para o céu e para o inferno? De que cor é alma? (um dos alunos da escola que visitámos tinha a certeza de que "é da cor do arco-íris, porque é alegre", mas outra garantia que era transparente). Em diferentes idades, garante Inês. "As religiões dizem que se vai para um sítio bom. Isso gera imensas perguntas, sobretudo no Norte do país, onde a religião está mais presente: 'Então mas a mim disseram-me que só vai a alma. Como é que a alma joga futebol no céu?' Isto é um problema chato para os rapazes, porque para eles a coisa boa é jogar futebol, por isso tem de ir a cabeça, e os braços, e as pernas... 'mas se o corpo fica debaixo da terra!' está a ver a dificuldade?"

Nem nas sessões com os alunos, nem no espectáculo, se apresentam respostas fechadas. "Eles sabem que esta é uma questão que não se fecha."

Apesar da proibição, no início de *A Caminhada dos Elefantes*, de não se pronunciar nem "morte", nem "morto", nem "morrer", a morte vai estar sempre a aparecer, claro.

O fio condutor é uma história verdadeira, que Miguel e Inês leram há tempos no jornal. Era uma vez um homem chamado Lawren-

CISION
ID: 51878041
Público
19-01-2014 | 2
Tiragem: 37425
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral
Pág: 30
Cores: Cor
Área: 26,82 x 31,26 cm²
Corte: 5 de 7

SUSANA PAIVA

ce Anthony, um sul-africano que ficou conhecido pela sua luta em defesa da conservação da natureza e, em particular, dos animais selvagens. Vivia com a família numa reserva chamada Thula Thula, na Zululândia, África do Sul.

Lawrence ficou particularmente famoso pela sua intervenção no zoo de Bagdad, que foi bombardeado pelos norte-americanos em 2003. A maioria dos quase 700 animais que ali viviam morreram durante o bombardeamento. O sul-africano partiu então de Thula Thula rumo ao Iraque para salvar os poucos sobreviventes. Quando regressou à África do Sul, escreveu um livro a contar como foi. Os animais ficaram bem e o zoo, reabilitado.

Menos mediática foi a história da turbulenta manada de elefantes que Lawrence acolheu em Thula Thula quando lhe disseram que se os animais não encontrassem abrigo seriam abatidos, porque eram muito violentos, destruíam árvores e sebes, e ninguém tinha mão neles.

Quando os elefantes chegaram a Thula Thula, Lawrence percebeu que a fama daquela manada problemática não existia por acaso. Os bichos tentavam fugir sistematicamente, depois vinham as autoridades sul-africanas e ameaçavam com o abate.

Lawrence decidiu ir viver para junto deles. Durante duas semanas, todos os dias, falava com os elefantes e tentava conquistar a confiança deles. Até que, um dia, a manada não tentou fugir. Ficou até hoje em Thula Thula.

A 2 de Março de 2012, Lawrence Anthony teve um enfarte do miocárdio e morreu. Estava em Durban, para apresentar um dos seus livros.

***A Caminhada dos Elefantes* de Inês Barahona e Miguel Fragata (nas fotos) fala de vida, de morte e de despedida. Será apresentada pela primeira vez em Lisboa no Teatro Maria Matos, no dia 22. A cenografia e os figurinos são de Maria João Castelo e a música de Fernando Mota**

A quase 200 quilómetros de Durban, no dia 2 de Março de 2012, a manada dos elefantes de Lawrence iniciou uma caminhada, percorreu vários quilómetros, atravessou a reserva e concentrou-se junto à casa de Lawrence em Thula Thula. A família contou isso aos jornalistas. "Há mais de um ano que os elefantes não se aproximavam tanto da casa. Vieram hoje", declarou, na altura, uma amiga, Yvette Taylor, ao *Daily News*, de Durban.

A história da caminhada dos elefantes e da sua despedida vai sendo contada por Miguel no espectáculo, pontuada por uma série de imagens que o actor cria, manipulando pequenos objectos, que parecem brinquedos. São as perguntas, as respostas e as "imagens" das crianças com quem nos últimos meses Inês e Miguel falaram.

Para o primeiro encontro com cada grupo nas escolas, levavam fotografias, histórias e falavam dos rituais fúnebres em várias partes do mundo. As crianças aderiam "naturalmente". A morte é mais natural para elas do que para os adultos, diz Miguel.

As escolas não eram propriamente escolhidas. A produção do espectáculo (da qual faz parte a associação de teatros Artemrede, que congrega 14 municípios, o Maria Matos, o Centro Cultural Vila Flor e o Teatro Viriato) enviava um convite a várias, explicando o projecto, e os professores candidatavam-se com as suas turmas. A escola de Sobral de Monte Agraço foi a primeira a entrar. Inês confessa que iam um pouco apreensivos, cheios de "paninhos quentes", para aquela primeira conversa, apesar de terem uma psicóloga a acompanhar o projecto.

Na véspera do encontro com a turma de Ana Luísa, Miguel foi ensaiar para outro espectáculo, num jardim, e, a certa altura, um gato atacou um pássaro que acabou por lhe morrer nas mãos. "Lembrámo-nos logo de uma conversa que tínhamos tido com a psicóloga. Tinha-nos contado que estava a acompanhar uma criança que, um dia, lhe telefonou. Tinha perdido um passarinho que tinha em casa. E queria fazer o funeral do passarinho. A psicóloga disse à menina que naquele momento não podia ir ter com ela. Então, combinaram que ela ia pôr o passarinho dentro de um saco, muito bem fechado, no congelador e que uns dias mais tarde, quando ela tivesse disponibilidade, iam encontrar-se e então fariam a despedida. E passados uns dias, os pássaro estava intacto, perfeito, muito fresquinho, mas perfeito. E fizeram a despedida."

No primeiro encontro com os miúdos do Sobral, Miguel contou o que tinha acontecido – tinha um pássaro, que morrera na véspera... e logo vários alunos falaram dos animais que já tinham tido e perdido. Daí para outras perdas foi um salto.

No segundo encontro, levou mesmo um pássaro morto. Com Inês, desafiou as crianças a fazer uma espécie de cerimónia – uma mistura de rituais de uma tribo africana com alguma imaginação. "Explicámos que tarefas havia para fazer e havia um ancião que as distribuía – o aluno mais velho da turma.

CISION
ID: 51878041
Publico
19-01-2014 | 2
Tiragem: 37425
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral
Pág: 31
Cores: Cor
Área: 27,18 x 32,11 cm²
Corte: 6 de 7

SUSANA PAIVA

Uns embrulhavam o corpo, outros escolhiam os panos, um fazia o anúncio para toda a aldeia, de que alguém tinha morrido, havia os coveiros e o elogio fúnebre. Depois havia uma parte de choro obrigatório. Tínhamos um cemitério portátil, uma caixa cheia de terra que levámos", conta Inês. E passou a ser assim em todas as escolas.

Um criador de pássaros, conhecido de Inês e Miguel, ia tratando de guardar as "baixas" que tinha na criação para fornecer aos artistas e este passaram a andar sempre com o seu "cemitério portátil".

"Depois havia a outra parte, a da celebração da vida", prossegue Inês. "E tudo terminava com um banquete com a comida favorita do passarinho: pipocas (ou seja, milho). Na parte mais triste, havia crianças que ficavam mesmo emocionadas e que choravam. E percebemos que sempre que isso acontecia era porque a criança tinha um luto mal resolvido – e era incrível porque era mesmo matemático e as crianças identificavam isso." Algumas relatavam com tristeza não terem podido despedir-se de uma avó, por exemplo.

Inês admite que os funerais ainda são, em certos locais, demasiado tétricos. Mas sublinha a importância da despedida. "O ritual tem uma função, não é uma coisa disparatada. Ajuda a despedirmo-nos. Ficamos tristes, compreendemos, continuamos. E se viramos o jogo e dizemos: 'Mas foi bom ter conhecido o passarinho, ele cantou-nos à janela durante tantos meses, que sorte bestial esta de o termos conhecido', as crianças aderem a isso naturalmente."

A despedida, diz, não tem de ser um funeral e há famílias que começam a encontrar outras formas, para envolver as crianças.

> **Tinha um coelho que morreu. Fiz-lhe um funeral. Cavei um buraco, guardei o corpo num *tupperware*, pu-lo dentro da terra e pus lá uma flores. Foi depois de terem vindo à escola ensinar aquela estratégia para não ter saudades**
> **Martim, 8 anos**

Madalena Paiva Gomes, psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos, consultora do espectáculo, escreve, no texto de apresentação de *A Caminhada dos Elefantes*: "A pior atitude [dos adultos] será a do silêncio, que se apoia na convicção (errada) de que se a morte não for muito falada, o impacto emocional desse acontecimento se dissipa mais rapidamente. Sabe-se que isso não é verdade e que, pelo contrário, se torna um verdadeiro obstáculo ao desenrolar de um processo de luto adequado (...). De facto, o trabalho clínico com crianças, adolescentes e adultos mostra-nos que uma parte significativa das perturbações emocionais resultam de experiências de perda mal resolvidas, de lutos mal elaborados."

Na tarde em que visitamos a Escola Básica de Sobral de Monte Agraço e Santo Quintino pedimos à turma de Eduardo e de André um desenho para trazer para a redacção. Que seja sobre a perda. Agarram-se às canetas. "Um homem veio com a carrinha e atropelou o cão. Eu gostava muitooo do cão porque ele corria muito e era muito meu amigo", escreve Gonçalo, e desenha o atropelamento. "O avozinho Salvador morreu eu tinha 3 anos", diz a Joana. "Ele gostava muito de verde" – e por isso desenha o avô com uma camisola verde.

Já Martim, 8 anos, mostra uma folha com um coelho e três cães. "Tinha um coelho que morreu. Fiz-lhe um funeral. Cavei um buraco, pequenino, com uma pá, guardei o corpo num *tupperware*, pu-lo dentro da terra e pus lá uma flores. Fiz tudo sozinho. A avó foi lá ver e perguntou se eu queria ajuda, mas eu não queria. Ele morreu depois de a Inês e de o Miguel terem vindo à escola ensinar-nos aquela estratégia para não ter saudades e eu tive essa ideia." E resultou, são menos as saudades assim? "Resultou", diz a sorrir.

Para a professora Ana Luísa Santos, esta actividade extra, já fora do tempo lectivo, cumpriu o objectivo – vão poder discutir mais um tipo de texto que consta do programa curricular: a entrevista. Também já tinha falado com os seus alunos sobre "como se adapta um texto para uma peça de teatro", quando foram ver *A Caminhada*, no Cineteatro de Sobral. Foi aí que as crianças perceberam, por fim, como é que as suas ideias tinham sido aproveitadas e debateram isso. A experiência serviu ainda para falar dos sentimentos (Educação para a Cidadania) e dos animais que entram na peça (Ciências).

Em suma, todo o processo tem sido aproveitado para explorar matérias curriculares. Mas também tem sido mais do que isso: "Isto foi uma experiência muito significativa para eles. E eles falam de uma forma muito tranquila e muito aberta", diz a professora. Acredita, de resto, que a "caixa de ferramentas do coração" será útil para lidar com outras perdas, não apenas a morte, que, nalguns casos, poderão estar para breve. "Há outras situações difíceis com que alguns terão de lidar: a emigração da família e de amigos, por exemplo."

CISION

ID: 51878041

Publico

19-01-2014 | 2

Tiragem: 37425
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 15,39 x 8,25 cm²
Corte: 7 de 7

ENRIC VIVES-RUBIO

26

A morte é um escorrega: Inês Barahona e Miguel Fragata falaram com mais de 200 alunos do 1.º ciclo e inspiraram-se neles para contar uma história sobre um assunto de que nenhum adulto gosta de falar

CISION

ID: 51993495

Público

25-01-2014

Tiragem: 37425
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 37
Cores: Cor
Área: 16,09 x 26,43 cm²
Corte: 1 de 1

TEATRO

Lisboa

A Caminhada dos Elefantes
Teatro Municipal Maria Matos (Av. Frei Miguel Contreiras, 52). T. 218438801
Hoje às 16h30. Amanhã às 11h e 16h30. Na Sala Principal. 3€ (crianças) e 7€ (adultos)
"Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles." A visão da vida e da morte é assim contada às crianças, através de uma caminhada para uma despedida, entre uma manada de elefantes, revelada a solo por Miguel Fragata, numa reflexão que põe a nu o mistério do "fim".

O Meu Pai é um Homem-Pássaro
Teatroesfera (R. Cidade Desportiva). T. 214303404
Sáb às 16h; Dom às 11h; 5.ª e 6.ª às 21h30. Até 2/2. 7,50€ (sujeito a desconto)
Com encenação de João Ricardo, uma versão da história de David Almond pela Teatroesfera. Depois da morte da mãe, a pequena Lizzie vê-se obrigada a assumir o papel de adulta perante o pai, que vive em negação. Para se aproximar dele, Lizzie inventa o Grande Concurso do Homem-Pássaro. E ele acredita que, com as suas asas de penas verdadeiras, será capaz de voar sem dificuldades...

RebolaOmedoEri
Centro Cultural de Belém (Pç. do Império). T. 213612400
Hoje às 15h30; Amanhã às 11h30. Na Sala de Ensaio. M/5. 5,35€
Para crianças e respectivas famílias, este é um espectáculo para ultrapassar medos. Através de um jogo de música e movimento, vai-se lançando um dado e construindo uma rota em busca da solução para o medo de cada um. Durante o percurso, aparecem obstáculos que só se ultrapassam conversando com ele. Pelo caminho, há equilíbrios e desequilíbrios, quedas e recomeços, medo e riso.

Porto

Comer a Língua
Teatro Helena Sá e Costa – ESMAE (R. da Alegria, 503). T. 225193760
Hoje às 17h. M/6. 3,50€ a 10€
Direccionada ao público infantil, uma homenagem à língua portuguesa, à sua beleza, complexidade e riqueza plástica. Através de trava-línguas e outros jogos semânticos, Susana Madeira pretende demonstrar que a língua portuguesa está viva e se pode cantar, dizer, cheirar e até comer.

SUSANA PAIVA

***A Caminhada dos Elefantes*, no Teatro Maria Matos, em Lisboa**

TEATRO

Lisboa

A Barraca - Teatro Cine Arte
Largo de Santos, 2. T. 213965360
Hotel Bilderberg - Um Desconcerto Dramático em Dó Menor Enc. Castro Guedes. De 22/1 a 2/3. 4ª a Sáb às 21h15. Dom às 16h30. M/16. Duração: 100m.

Casa do Artista - Teatro Armando Cortez
Estrada da Pontinha, 7. T. 217110890
Camões, Príncipe dos Poetas TIL – Teatro Infantil de Lisboa. Enc. Victor Linhares. De 6/1 a 20/6. 3ª a 6ª às 15h30 (para escolas). Informações e reservas: 217154057. **D. Quixote** Enc. Víctor Linhares. A partir de 11/10. 4ª, 5ª e 6ª às 11h e 15h (escolas). Sáb e Dom às 15h (público). M/6. Duração: 90m. Informações e reservas: 217154057.

Casino Lisboa
Parque das Nações. T. 218929000
Pobre Milionário Enc. José Wallenstein. A partir de 15/1. 5ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h30 (no Auditório dos Oceanos). M/12.

Centro Cultural de Belém
Praça do Império. T. 213612400
RebolaOmedoEri De Rute Prates, Ana Sofia Sequeira. Com Flávia Almeida Castro (cravo), Pedro Castro (oboé), Margarida Sammarfull (violino), Nélson Ferreira (violoncelo), Marco Fernandes (percussão), Ana Sofia Sequeira (guitarra). Enc. Sílvia Real. De 23/1 a 24/1. 5ª e 6ª às 11h. De 25/1 a 26/1. Sáb às 15h30. Dom às 11h30. M/5. 50m.

Chapitô
R. Costa do Castelo, 1/7. T. 218855550
Dr. Jekyll and Mr.Hyde Companhia do Chapitô. Enc. John Mowat. De 23/1 a 23/3. 5ª a Dom às 22h (na Tenda).

Mosteiro dos Jerónimos
Pç. Império. T. 213620034
Auto da Barca do Inferno Enc. António Pires. De 1/11 a 30/4. 3ª a 6ª às 11h e 14h (para escolas, por marcação). Reservas: 213420810/ 918570774 ou autodabarca.jeronimos@gmail.com. Duração: 60m.

Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul
Avenida Dom Carlos I, 61 - 1º. T. 213973471
Barafunda LAMA/Te-Atrito. Enc. João de Brito. De 23/1 a 24/1. 5ª e 6ª às 21h30.

Teatro Aberto
Praça de Espanha. T. 213880089
Vénus de Vison Enc. Marta Dias. De 10/1 a 30/3. 4ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h. M/16.

Teatro da Politécnica
Rua da Escola Politécnica, 56. T. 961960281
Punk Rock Enc. Pedro Carraca. De 22/1 a 22/2. 3ª e 4ª às 19h. 5ª e 6ª às 21h. Sáb às 16h e 21h. M/16. **Um Precipício no Mar** Comp.: Artistas Unidos. Enc. Jorge Silva Melo. De 23/1 a 21/2. 5ª e 6ª às 19h. M/12. 50m.

Teatro Maria Vitória
Av. Liberdade (Parque Mayer). T. 213461740
Lisboa Amor Perfeito Companhia de Dança TMV. Enc. Mário Raínho. A partir de 14/11. 5ª e 6ª às 21h30. Sáb e Dom às 16h30 e 21h30. M/12.

Teatro Meridional
R. do Açúcar, 64 (Poço Bispo). T. 218689245
Al Pantalone Teatro Meridional. Enc. Miguel Seabra. De 10/1 a 26/1. 4ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h. M/12.

Teatro Municipal Maria Matos
Avenida Frei Miguel Contreiras. T. 218438801
A Caminhada dos Elefantes Enc. Miguel Fragata, Inês Barahona. De 22/1 a 26/1. 4ª, 5ª e 6ª às 10h. Dom às 11h e 16h30. M/7. 50m.

Teatro Municipal São Luiz
R. António Maria Cardoso, 38. T. 213257650
Como Queiram Arena Ensemble. Enc. Beatriz Batarda. De 14/1 a 26/1. 3ª a Sáb às 21h. Dom às 17h30 (na Sala Principal). M/12.

Teatro Nacional D. Maria II
Praça D. Pedro IV. T. 800213250
Coriolano Enc. Nuno Cardoso, Victor Hugo Pontes (assistência). De 9/1 a 2/2. 4ª às 19h. 5ª a Sáb às 21h. Dom às 16h (na Sala Garrett). M/12. Sessão com interpretação em língua gestual portuguesa a 2 de Fevereiro às 16h. **Joaninha dos Olhos Verdes** TNDM II. Enc. João Mota. De 4/1 a 9/2. 4ª, 5ª e 6ª às 11h (para escolas). Sáb às 21h15. Dom às 16h15. M/12. Sessão com interpretação em língua gestual portuguesa a 26 de Janeiro às 16h15.

Teatro Politeama
R. Portas de Santo Antão, 109. T. 213405700
Grande Revista à Portuguesa Enc. Filipe La Féria. De 27/6 a 28/2. 4ª, 5ª e 6ª às 21h30. Sáb às 17h e 21h30. Dom às 17h. **Robin dos Bosques** Enc. Filipe La Féria, Nuno Guerreiro. A partir de 9/11. 3ª a 6ª às 11h e 14h (para escolas). Sáb e Dom às 15h.

Teatro Rápido
Rua Serpa Pinto, 14. T. 213479138
Janeiro Rima com... Solteiro Enc. Flávio Gil. De 2/1 a 31/1. 2ª, 5ª, 6ª, Sáb e Dom às 18h , 18h30, 19h, 19h30 e 20h. M/12. **O Sôtor é que Sabe** Enc. Marco Menezes Peres, Afonso Araújo. De 2/1 a 31/1. 2ª, 5ª, 6ª, Sáb e Dom às 18h20 , 18h50, 19h20, 19h50 e 20h25. M/12. **Sapato Branco em Janeiro** Enc. Francisco Braz. De 2/1 a 31/1. 2ª, 5ª, 6ª, Sáb e Dom às 18h , 18h30, 19h, 19h30 e 20h. M/12. **Um Bocado de Carne** Enc. Alexandre Tavares. De 2/1 a 31/1. 2ª, 5ª, 6ª, Sáb e Dom às 18h15 , 18h45, 19h15, 19h45 e 20h15 (na Sala 3). M/12.

Teatro Tivoli BBVA
Avenida da Liberdade, 182. T. 213572025
A Grande Estreia Enc. António Pires. De 17/10 a 2/2. 5ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h30.

Teatro Turim
Estrada de Benfica, 723A. T. 217606666
Camarim Enc. Carlos Alves, Ana Campaniço. De 16/1 a 26/1. 5ª a Sáb às 21h30. Dom às 17h.

Amadora

Espaço Cultural Recreios da Amadora
Avenida Santos Mattos, 2. T. 214369055
Chove em Barcelona Enc. Jorge Silva. De 22/1 a 2/2. 4ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h. M/16.

Faro

Teatro Lethes
Rua de Portugal, 59. T. 289820300
As Cartas Ridículas do Senhor Fernando e

CISION

ID: 50840560

Publico

17-11-2013

Tiragem: 38650
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 44
Cores: Cor
Área: 25,00 x 30,48 cm²
Corte: 1 de 1

SAIR

DR

A cerveja serve de inspiração à peça *Enciclopédia: X*, pela Companhia Cão Solteiro

TEATRO

Lisboa

A Barraca - Teatro Cine Arte
Largo de Santos, 2. T. 213965360
As Aventuras Maravilhosas de Salta Pocinhas Enc. Rita Lello. A partir de 16/11. Sáb às 17h30. Dom às 11h30. M/6.

Cão Solteiro
R. Poço dos Negros, 120.
Enciclopédia: X Cão Solteiro. De 30/10 a 24/11. 4ª a Dom às 21h30. M/18.

Casa do Artista - Teatro Armando Cortez
Estrada da Pontinha, 7. T. 217110890
D. Quixote Enc. Víctor Linhares. De 11/10 a 29/12. Sáb e Dom às 15h (público). M/4.

Casino Lisboa
Parque das Nações. T. 218929000
Lar, Doce Lar Enc. António Pires. De 4/11 a 30/11. 2ª, 3ª e 4ª às 21h30. Dom às 16h30. M/12. **Os Idiotas** Enc. Sónia Aragão. A partir de 11/9. 5ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h30.

Clube Estefânia
Rua Alexandre Braga, 24A. T. 217780987
A Noite das Tríbades Enc. Fernanda Lapa. De 18/10 a 17/11. 5ª a Sáb às 21h. Dom às 17h.

Museu da Marioneta
Rua da Esperança, 146. T. 213942810
Adormecida Grupo: Teatro e Marionetas de Mandrágora. De 16/11 a 17/11. Sáb às 16h. Dom às 11h30 (na Capela). Marionetas. M/4.

Teatro Aberto
Praça de Espanha. T. 213880089
O Preço Enc. João Lourenço. De 11/9 a 17/11. 4ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h. M/12.

Teatro Bocage
R. Manuel Soares Guedes, 13A. T. 214788120
A Rainha de Trapos Com Cátia Terrinca, Inês Basto. De 17/11 a 24/11. Dom às 11h. M/4. **O Natal dos Animais** Comp. do Teatro Bocage. Enc. Leone de Lacerda, Tiago Peralta, Zé Pedro Ramos. De 17/11 a 24/11. Dom às 16h.

Teatro da Comuna
Praça de Espanha. T. 217221770
Um Inimigo do Povo Grupo: Comuna Teatro de Pesquisa. Enc. Álvaro Correia. De 30/10 a 22/12. 4ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h.

Teatro da Cornucópia - Bairro Alto
Rua Tenente Raúl Cascais, 1A. T. 213961515
4 AD HOC Enc. Luis Miguel Cintra. De 16/11 a 15/12. 3ª a Sáb às 21h. Dom às 16h.

Teatro da Trindade
Largo da Trindade, 7A. T. 213420000
A Noite Enc. José Carlos Garcia. De 7/11 a 29/12. 5ª a Sáb às 21h30. Dom às 18h. M/6. **Hotel Bilderberg - Um Desconcerto Dramático em Dó Menor** Enc. Castro Guedes. De 31/10 a 24/11. 4ª a Sáb às 21h45. Dom às 17h (na Sala Estúdio). M/14. **Zorro** Enc. Rui Melo. De 2/11 a 29/12. Sáb às 16h. Dom às 15h. M/4. Duração: 70m.

Teatro Maria Vitória
Av. Liberdade (Parque Mayer). T. 213461740
Lisboa Amor Perfeito Comp. de Dança TMV. Enc. Mário Raínho. A partir de 14/11. 5ª e 6ª às 21h30. Sáb e Dom às 16h30 e 21h30.

Teatro Meridional
R. Açúcar, 64 (Poço do Bispo). T. 218689245
As Centenárias Enc. Natália Luiza. De 17/10 a 17/11. 4ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h. M/12.

Teatro Municipal São Luiz
R. António Maria Cardoso, 38. T. 213257650
À Espera de Godot Ensemble Sociedade de Actores. Enc. Carlos Pimenta. De 14/11 a 17/11. 5ª a Sáb às 21h. Dom às 17h30 (na Sala Principal). M/12. Duração: 110m. Sessão com língua gestual portuguesa no dia 17 de Novembro.

Teatro Nacional D. Maria II
Praça D. Pedro IV. T. 800213250
Contos De Matilde Rosa Araújo. Dia 17/11 às 11h30 (Salão Nobre). **O Aldrabão** Enc. João Mota. De 17/10 a 17/11. 4ª às 19h. 5ª a Sáb às 21h. Dom às 16h (na Sala Garrett). M/12.

Teatro Politeama
R. Portas de Santo Antão, 109. T. 213405700
Grande Revista à Portuguesa Enc. Filipe La Féria. De 27/6 a 29/12. 4ª, 5ª e 6ª às 21h30. Sáb às 17h e 21h30. Dom às 17h. **Robin dos Bosques** Enc. Filipe La Féria, Nuno Guerreiro. A partir de 9/11. Sáb e Dom às 15h.

Teatro Taborda
Rua da Costa do Castelo, 75. T. 218854190
O Meu Jantar com o André Enc. Manuel Wiborg. De 6/11 a 17/11. 3ª a 6ª às 21h30. Sáb e Dom às 16h e 21h30.

Teatro Tivoli BBVA
Avenida da Liberdade, 182. T. 213572025
A Grande Estreia Enc. António Pires. A partir de 17/10. 5ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h30.

Teatro Turim
Estrada de Benfica, 723A. T. 217606666
A Casinha de Chocolate Enc. Michel Simeão. De 16/11 a 22/12. Sáb às 16h. Dom às 11h. M/6. Duração: 60m.

Teatro Villaret
Av. Fontes Pereira Melo, 30A. T. 213538586
A Branca de Neve e os 7 Anões Enc. Paulo Cintrão. De 5/10 a 22/12. Sáb e Dom às 11h. M/4. **Commedia à la Carte** De 19/9 a 24/11. 5ª a Dom às 21h30. M/16. Duração: 90m.

Almada

Teatro Municipal Joaquim Benite
Avenida Professor Egas Moniz. T. 212739360
Em Direcção aos Céus Companhia de Teatro de Almada. Enc. Rodrigo Francisco. De 2/11 a 30/11. 4ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h. M/12.

Baixa da Banheira

Fórum Cultural José Manuel Figueiredo
Rua José Vicente. T. 210888900
A Caminhada dos Elefantes Enc. Miguel Fragata, Inês Barahona. Dia 17/11 às 16h. M/7.

Barreiro

Auditório Municipal Augusto Cabrita
Av. Escola de Fuzileiros Navais. T. 212070578
Barriga da Baleia Dia 17/11 às 10h30 (Festa da Marioneta 2013). Dos 3 aos 5 anos.

Cascais

Auditório Fernando Lopes-Graça
Av. Marginal (Parque Palmela). T. 214825447
Feio Enc. Marco Medeiros. De 17/10 a 30/11. 5ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h30. M/16.

Teatro Municipal Mirita Casimiro
Avenida Fausto Figueiredo. T. 214670320
Os Saltimbancos Enc. Carlos Avilez. De 14/11 a 29/12. 5ª e 6ª às 21h30. Sáb às 16h e 21h30. Dom às 16h. M/6. Duração: 60m.

Olival Basto

Centro Cultural da Malaposta
Rua Angola. T. 219383100
Brincos de Penas Enc. Ana Enes, Maria João Trindade. De 2/11 a 1/12. Sáb às 16h. Dom às 11h30. M/4. **Capitão Miau Miau** Enc. Fernando Gomes. De 5/10 a 31/7. Sáb às 16h. Dom às 11h. M/3. **Matadouro Invisível** Enc. José Martins. De 7/11 a 1/12. 5ª a Sáb às 21h30. Dom às 16h. M/12. **Verbum Fahrenheit** Grupo: Limiar Teatro. Enc. Nuria Gullón, Fran Núñez. De 15/11 a 17/11. 6ª e Sáb às 21h30. Dom às 16h15. **Zarabadim** Enc. Paulo Oom. De 16/11 a 9/2. Sáb às 16h. Dom às 11h. M/4.

Sesimbra

Cineteatro Municipal João Mota
Rua João da Luz, 5. T. 212234034
Prometeu Enc. Marcelo Lafontana. Dia 17/11 às 17h (Festa da Marioneta 2013). M/12.

Setúbal

Teatro Estúdio Fontenova
Rua Doutor Sousa Gomes, 11. T. 265233299
A 20 de Novembro De Lars Norén. Com João Pedro Mamede. De 14/11 a 17/11. 5ª a Dom às 21h30. M/16.

Tomar

Convento de Cristo
Convento de Cristo. T. 249313481
O Nome da Rosa Fatias de Cá. Enc. Carlos Carvalheiro. De 13/10 a 22/12. Dom às 17h17.

CISION

ID: 51931839

Time Out

22-01-2014

Tiragem: 11850
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 44
Cores: Cor
Área: 19,20 x 25,94 cm²
Corte: 1 de 2

Miguel Fragata e a manada de elefantes que serve de pretexto para falar aos miúdos sobre a morte

Vamos falar sobre a morte?

Falar com crianças sobre a morte é talvez a mais difícil das conversas que um pai pode ter. *A Caminhada dos Elefantes*, em cena este fim-de-semana no Teatro Maria Matos, pode dar uma ajuda, recomenda **Catarina Figueira**.

Primeiro o espanto de quem não está à espera da pergunta. Depois o gaguejar, o tentar mudar de assunto, ou a explicação que sai disparada mas não convence. Na primeira vez que uma criança faz uma pergunta sobre a morte é raro o progenitor conseguir dar uma resposta em condições.

Conscientes de que o assunto é difícil, que mexe com as emoções, e que muitos pais e professores não sabem como abordá-lo, Inês Barahona e Miguel Fragata decidiram criar um espectáculo que "descomplicasse" o tema da morte. *A Caminhada dos Elefantes* está este fim-de-semana no Teatro Municipal Maria Matos e tem por base uma história real que os dois artistas conheceram através de um jornal: a aventura de Lawrence Anthony, um sul-africano que dedicou a vida à salvação de elefantes, conseguindo levar para a sua reserva uma manada alegadamente agressiva e condenada à morte.

No momento em que Lawrence sucumbiu a um ataque cardíaco, a vários milhares de quilómetros da reserva, os elefantes dirigiram-se a sua casa e ali permaneceram durante dois dias e duas noites, de um lado para o outro, numa espécie de ritual de homenagem ao homem que os salvara.

O espectáculo começa com uma provocação do próprio Miguel Fragata, único artista em palco, que se dirige às crianças da plateia dizendo: "Neste espectáculo não vamos falar da morte. Se fosse para falar da morte vocês não estavam aqui, ninguém vos tinha deixado vir. Porque ninguém quer falar sobre a morte".

Inês Barahona desconstrói: "A morte continua a ser um grande tabu. Os próprios adultos têm imensa dificuldade em digerir o tema. Mas se a criança percebe que é um assunto sobre o qual ninguém quer falar, na vez seguinte já não vai procurar um adulto mas sim um par, alguém da sua idade".

E se no início do espectáculo são justamente os adultos que parecem acusar mais desconforto e até alguma tensão, no final percebe-se que graças a uma narrativa que não escamoteia nada sobre a morte, mas que ao mesmo tempo não tem uma carga demasiado pesada, e até se serve do humor, parece fácil falar sobre o assunto. Há momentos em que nem sequer há palavras – os elefantes também não as usam –, e em que o foco é apontado para pequenos objectos que Miguel Fragata vai manipulando, "tal como acontece nas brincadeiras das crianças em que num momento um boneco morre e no minuto a seguir já está vivo outra vez".

Na construção do espectáculo, acompanhada a par e passo pela psicoterapeuta psicanalítica Madalena Paiva Gomes, os autores realizaram oficinas em várias escolas e quiseram saber o que as crianças, de diferentes faixas etárias, pensavam sobre o tema. Também foram ter com adultos a quem lançaram a pergunta; "Como explicaria a morte a uma criança de oito anos?". Descobriram que nem sempre o que os crescidos julgam que os mais novos pensam sobre a morte corresponde ao que eles efectivamente pensam.

A Caminhada dos Elefantes pretende pôr duas gerações a dialogar sobre a existência e a perda. Absolutamente a não perder.

A Caminhada dos Elefantes
Este sábado, às 16.30, e domingo, às 11.00 e 16.30, no Teatro Municipal Maria Matos. Criança: 3€. Adulto: 7€. 12

CISION

ID: 51931839

Time Out

22-01-2014

Tiragem: 11850
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 3
Cores: Cor
Área: 5,19 x 4,44 cm²
Corte: 2 de 2

44 Miúdos

Falar da morte através do teatro.

CISION

pais&filhos

ID: 51411618

01-01-2014

Tiragem: 33000
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Saúde e Educação

Pág: 83
Cores: Cor
Área: 9,73 x 23,25 cm²
Corte: 1 de 2

teatro

O Livro da Selva

Musical para toda a família. A aventura começa quando Mogli, um rapaz criado por lobos que vive na selva, é convencido pela sua amiga pantera, a procurar segurança no mundo dos homens.

A partir dos 3 anos; 12 e 26 de janeiro às 11h30

Teatro Sá da Bandeira
Rua Sá da Bandeira 108, Porto
T. 222 089 175

O Velho e a sua Linda Nogueira

A história conta-nos como o Velho Desgraça, servindo-se de uma graça concedida por S. Pedro, acaba por enganar a própria morte. Baseado no conto de Álvaro Magalhães.

A partir dos 6 anos; até 10 de janeiro, de 3ª a 6ª feira, às 11h e 15h (público escolar)

Teatro da Vilarinha
Rua da Vilarinha, 1386, Porto
T. 226 108 924

À Espera que Volte

Piotor cai de um avião de carga numa noite de temporal e traz consigo a história de uma gota de água que transforma as crianças que a querem ouvir.

6 aos 10 anos; 19 de janeiro, às 16h (público geral) e dia 20, às 10h30 (escolas)

Cine-Teatro de Estarreja - Rua Visconde Valdemouro, Estarreja
T. 234 811 300

O Gato das Botas

O dono do Gato das Botas casou com a princesa e tornou-se rei. Por isso, já não precisa da sua ajuda e decide expulsá-lo do castelo. O Gato das Botas vê-se obrigado a viver na rua... até que um rato que cruza o seu caminho lhe vai mudar a vida!

A partir dos 6 anos; 4, 11, 18 e 25 de janeiro, às 16h

Teatro Bocage - Rua Manuel Soares Guedes 13, Lisboa
T. 214 788 120

Retrato

A família Barata decide invocar os antepassados. Com a ajuda do público reanima Bocage, Camões, Fernando Pessoa, a Marquesa de Alorna, Guerra Junqueiro, Antero de Quental e Eça de Queirós, que nos trazem outras visões de tempos difíceis. Uma comédia musical que propõe divertir e surpreender a assistência.

A partir dos 12 anos; de 17 de janeiro a 29 de março, 6.ªs feiras e sábados, às 21h30

Teatro Extremo - Rua Serpa Pinto, 16, Almada
T. 212 723 660

A Caminhada dos Elefantes

A história de um homem singular que dedicou a vida à salvação de elefantes. Quando ele morre, os animais vêm inexplicavelmente a sua casa prestar-lhe uma última homenagem.

A partir dos 7 anos; 3€ e 7€; 25 de janeiro, às 11h e dia 26, às 16h30

Teatro Maria Matos - Avenida Frei Miguel Contreiras, 52, Lisboa
T. 218 438 800

O Velho e a sua Linda Nogueira

CISION

ID: 51849027

17-01-2014 | Guia TV & Espectáculos

Tiragem: 50160
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 16
Cores: Cor
Área: 12,86 x 15,14 cm²
Corte: 1 de 1

ROTEIRO Infantil

A CAMINHADA DOS ELEFANTES

Seg. a Sex. 10h, Sáb. 16h30, Dom. 11h e 16h30
Teatro Municipal Maria Matos, Lisboa – Até 26 Jan.

A Caminhada dos Elefantes conta a história de um homem que dedicou a vida à salvação de elefantes. Quando ele morre, os animais vêm à sua casa prestar-lhe uma última homenagem.

O LIVRO DA SELVA

Dom. 11h30 Teatro Sá da Bandeira, Porto

A aventura começa quando Mogli, um rapaz criado por lobos e que vive na selva, é convencido pela sua amiga Baguera, a procurar segurança no mundo dos homens.

LISBOA VISTA AO ESPELHO

Seg. a Dom. 10h às 17h Castelo de S. Jorge, Lisboa

Descobre Lisboa através de um periscópio que permite examinar a cidade em tempo real, num olhar que percorre 360º.

TOM SAWYER

Sáb. e Dom. 11h Teatro Villaret, Lisboa

Tom, Becky e Huckleberry contam as suas aventuras nas margens do rio Mississipi. Um espectáculo pela companhia bYfurcação teatro e Cena de eventos.

CISION

Destak

ID: 51931092

22-01-2014

Tiragem: 135000
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 10
Cores: Cor
Área: 4,59 x 5,17 cm²
Corte: 1 de 1

TEATRO MARIA MATOS

'A caminhada dos elefantes'

Dirigido a jovens dos 8 aos 12 anos, *A caminhada dos elefantes* leva ao Teatro Maria Matos a história de um homem que dedicou a vida a salvar elefantes. Uma peça de Miguel Fragata e Inês Barahona, a ver entre hoje e domingo.

CISION

ID: 50795790

DIÁRIO DA REGIÃO
O diário do Distrito de Setúbal

14-11-2013

Tiragem: 15000
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 7
Cores: Cor
Área: 28,15 x 13,08 cm²
Corte: 1 de 2

BAIXA DA BANHEIRA

No Fórum Cultural José Manuel Figueiredo

A Caminhada dos Elefantes estreia este domingo

O teatro para crianças é um espectáculo sobre a vida e a morte, com recurso a animais em miniaturas

DIÁRIO DA REGIÃO

ACTOR. Miguel Fragata, ontem, no ensaio de imprensa

"A Caminhada dos Elefantes", com estreia nacional marcada para 17 de Novembro, no Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Moita, é um espectáculo que conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles.

O espectáculo de teatro está marcado para as 16 horas, dura cerca de 50 minutos e é dirigido a crianças dos 7 aos 11 anos e às suas famílias. Tem a lotação máxima de 80 pessoas, porque os espectadores não vão sentar-se nos lugares habituais do fórum, mas em cadeiras colocadas no palco. O objectivo é colocar as crianças mais próximas do cenário, para dar a ilusão de que fazem parte da história e observarem correctamente as miniaturas de animais e outros brinquedos que vão ser utlizados pelo actor e criador Miguel Fragata.

Com concepção, dramaturgia e encenação de Inês Barahona e Miguel Fragata, "A Caminhada dos Elefantes" aborda o tema da morte. Foi construído para contrariar a infantilização e a efabulação deste tema que é difícil e profundo. Assim, neste espectáculo, são apresentados conceitos e ideias sobre o assunto, tendo África do Sul como pano de fundo, e dando espaço para as crianças analisarem, explorarem e compreenderem a morte de uma forma pessoal e íntima.

Crianças ajudam na criação deste teatro

Como forma de enriquecer este espectáculo, foram realizados vários encontros com crianças, nomeadamente com os alunos de uma turma do 3º ano da Escola Básica do Vale da Amoreira n.º1, em Setembro. Os alunos participaram na encenação de um funeral de um pássaro e assumiram o papel de "críticos" de teatro, durante os ensaios que decorreram no Centro de Experimentação Artística, no Vale da Amoreira.

Ontem, no ensaio de imprensa que decorreu no Fórum Cultural, Inês Barahona referiu que as crianças "**pressentem que é um território (morte) onde ninguém quer entrar e fazem a interpretação delas**". Através de um monólogo, Miguel Fragata vai desmistificar essas interpretações, transmitindo que a morte faz parte da vida. Este explicou o porquê de, entre tantos animais da selva, o espectáculo destacar uma família de elefantes: "**Podem viver até 120 anos, vêem desaparecer muitas vidas. Talvez seja por isso que os elefantes sejam os únicos animais a chorar quando um deles desaparece**". Segundo o mesmo, "**é fundamental termos bem resolvido o tema para podermos ter uma vida melhor e mais tranquila**". Apesar das interpretações que possam fazer, Miguel Fragata comentou: "**Falámos com muita gente e as crianças têm uma ideia muito clara, é evidente que a morte faz parte**".

Foram também recolhidos testemunhos de adultos de diversas áreas profissionais, que responderam à questão "Como explicaria a morte a uma criança de oito anos?". Todo este processo foi acompanhado, do ponto de vista técnico, por Madalena Paiva Gomes, psicoterapeuta psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos.

O espectáculo conta ainda com a consultoria de Elvira Leite para a vertente pedagógica, e de Catarina Requeijo, Giacomo Scalisi e Isabel Minhós Martins, para a vertente artística.

É financiado pela Direcção Geral das Artes e co-produzido pela Artemrede, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato.

Itinerância no distrito de Setúbal

Baixa da Banheira: Fórum Cultural José Manuel Figueiredo | Domingo, 17 de Novembro | 16 horas

Montijo: Cinema Teatro Joaquim d'Almeida | Sábado, 23 de Novembro | 16h30

Sesimbra: Cineteatro Municipal João Mota | Terça-feira, 10 de Dezembro | 14h30

CISION

ID: 50795790

DIÁRIO DA REGIÃO
O diário do Distrito de Setúbal

14-11-2013

Tiragem: 15000
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 4,83 x 7,28 cm²
Corte: 2 de 2

BAIXA DA BANHEIRA P.7

'A Caminhada dos Elefantes' estreia domingo no Fórum Cultural

"A Caminhada dos Elefantes" de Inês Barahona e Miguel Fragata no Teatro Maria Matos, Lisboa, 22 a 26 janeiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 10/01/2014

Meio: Gazeta dos Artistas Online

URL: http://www.gazetadosartistas.pt/?p=30621

A Caminhada dos Elefantes conta a história de um homem singular que dedicou a vida à salvação de elefantes. Quando ele morre, os animais vêm inexplicavelmente a sua casa prestar-lhe uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles. Neste espetáculo, reflete-se sobre a existência, a vida e a morte, aceitando as perguntas e os pensamentos das crianças e oferecendo-lhes uma série de possibilidades de caminho. A Caminhada dos Elefantes INÊS BARAHONA & MIGUEL FRAGATA 22 a 26 janeiro * quarta a domingo semana: 10h / sábado: 16h30 / domingo: 11h e 16h30 8 a 12 anos * TEATRO palco da sala principal | criança: 3EUR / adulto: 7EUR duração: 50 min conceção, dramaturgia e encenação: Miguel Fragata e Inês Barahona interpretação: Miguel Fragata cenografia e figurinos: Maria João Castelo música: Fernando Mota luz: José Álvaro Correia gestão de projeto: Meninos Exemplares produção executiva: Sara Morais apoio à dramaturgia na vertente da Psicologia Infantil: Madalena Paiva Gomes apoio à dramaturgia na vertente da Pedagogia: Elvira Leite consultoria artística: Giacomo Scalisi, Catarina Requeijo e Isabel Minhós Martins coprodução: Artemrede Associados, Centro Cultural Vila Flor, Maria Matos Teatro Municipal, Teatro Viriato projeto financiado por: DGArtes/Presidência do Conselho de Ministros/Secretaria de Estado da Cultura imagem: © UVA Design coprodução no âmbito da rede 5 sentidos A PERDA, A MORTE E A TRISTEZA SÃO COMPONENTES ESSENCIAIS DA VIDA Texto de Madalena Paiva Gomes, Psicoterapeuta psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos, consultora do espetáculo A Caminhada dos Elefantes A sociedade de hoje, de consumo rápido, não tem tempo para pensar na Vida e na Morte. O sentir e o pensar vêm depois do fazer, que retira tempo/espaço para pensar a Perda, a Morte, a Tristeza, que são componentes essenciais da Vida. É através da possibilidade da pessoa - criança ou adulto - se deprimir que o processo da perda se integra e é levado a bom termo. Isto supõe a não existência de uma culpabilidade excessiva, nem de sentimentos invasivos de vazio sem sentido e de profundo desamparo. Ao contrário do que muitas vezes se pensa, a tristeza e a aceitação e integração da dor decorrente dessa perda, são fundamentais para a elaboração do luto e para a manutenção do objeto perdido no mundo interno do sujeito - criança ou adulto. Perder alguém ou algo implica tristeza, sendo este sentimento uma reação normal e adaptativa. Luto será o processo através do qual essa dor é elaborada, por exemplo, pela coconstrução da imagem de que a pessoa que se perdeu, se mantém viva na memória e nos afetos. Os pais têm muitas vezes dificuldades em abordar com os seus filhos o tema da morte ou perda de um próximo. A linguagem do adulto e a linguagem da criança facilmente se desencontram, tal como aquilo que o adulto imagina que a criança quer ouvir traduz mais elaborações mentais do próprio adulto do que os possíveis estados emocionais da criança. Diante esta situação, porventura, a melhor saída será que o adulto partilhe com a criança os seus próprios pensamentos e sentimentos, em vez de lhe procurar dar "explicações". E a pior atitude será a do silêncio, que se apoia na convicção (errada) de que se a morte não for muito falada, o impacto emocional desse acontecimento se dissipa mais rapidamente. Sabe-se que isso não é verdade e que, pelo contrário, se torna num verdadeiro obstáculo ao desenrolar de um processo de luto adequado. No entanto, tal silêncio poderá ser, de algum modo, compreensível se pensarmos no embaraço, senão na dificuldade, que os adultos têm em assistir, aceitar e lidar com a tristeza das crianças. De facto, o trabalho clínico com crianças, adolescentes e adultos mostra-nos que uma parte significativa das perturbações emocionais resultam de experiências de perda mal resolvidas, de lutos mal elaborados. Esta incompletude do processo de luto pode ser reparada por meio de "narrativas" coconstruídas, não arbitrárias e ajustadas à especificidade de cada situação individual, contexto familiar, etc. Este espetáculo procura precisamente criar situações, que contribuam para a coconstrução das narrativas acima referidas, suscetíveis de dar corpo à vivência da perda (luto) e, ao mesmo tempo, criar ferramentas facilitadoras dos processos de regulação em situações futuras que venham a envolver, de

igual modo, a Perda. A CAMINHADA DOS ELEFANTES pretende ser uma caminhada conjunta para um crescimento pessoal, onde através da partilha se vivem e revisitam experiências emocionais de perda, se constroem ou reinventam novos pensamentos, conceitos, significados e ferramentas para conseguir lidar com esses sentimentos. Será certamente uma Caminhada feita de passos importantes na integração destes diversos elementos, dando assim à Memória a importância decisiva que ela tem na relação com as Perdas. Sem dúvida, uma experiência de reflexão conjunta, um desafio muito criativo onde, através da partilha, se valida e dá sentido a cada experiência pessoal e única.

"A Caminhada dos Elefantes"

Tipo Meio: Internet
Data Publicação: 07/01/2014
Meio: CNC- Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online
URL: http://www.e-cultura.pt/AgendaCulturalDisplay.aspx?ID=38424

"A Caminhada dos Elefantes"

Descrição

Um espetáculo sobre a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Em cena de 22 a 26 de janeiro, no Teatro Maria Matos.

A Caminhada dos Elefantes conta a história de um homem singular que dedicou a vida à salvação de elefantes. Quando ele morre, os animais vêm inexplicavelmente a sua casa prestar-lhe uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles. Neste espetáculo, reflete-se sobre a existência, a vida e a morte, aceitando as perguntas e os pensamentos das crianças e oferecendo-lhes uma série de possibilidades de caminho.

Inês Barahona e Miguel Fragata

interpretação:Miguel Fragata

cenografia e figurinos:Maria João Castelo

Fernando Mota

José Álvaro Correia

Meninos Exemplares

produção executiva:Sara Morais

Madalena Paiva Gomes

Elvira Leite

Giacomo Scalisi, Catarina Requeijo e Isabel Minhós Martins

Artemrede Associados, Centro Cultural Vila Flor, Maria Matos Teatro Municipal, Teatro Viriato

projeto financiado por:DGArtes/Presidência do Conselho de Ministros/Secretaria de Estado da Cultura

© UVA Design

Duração: 50 min

Preço: Criança 3EUR | Adulto 7EUR

Tipo de Evento

Web Site

Data(s) do evento

De 22-01-2014 a 26-01-2014

semana: 10h sábado: 16h30 domingo: 11h e 16h30

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52

Distrito: Lisboa

Concelho: Lisboa

Revista de Imprensa
26-11-2013

1. (PT) - TMN Entrada Livre Online, 25/11/2013, A Caminhada dos Elefantes - Entrada Livre 1

2. (PT) - Rostos.pt, 23/11/2013, Cinema Teatro Joaquim D´Almeida - Montijo A Caminhada dos Elefantes 2

3. (PT) - Público, 17/11/2013, Teatro 3

4. (PT) - Rostos.pt, 17/11/2013, Estreia nacional no Fórum Cultural da Baixa da Banheira - Moita Inês Barahona e Miguel Fragata apresentam «A Caminhada dos Elefantes» 4

5. (PT) - Barreiro Web Online, 16/11/2013, Inês Barahona e Miguel Fragata apresentam "A Caminhada dos Elefantes" 5

6. (PT) - TSF - Fila J, 15/11/2013, "Fila J": peça "Caminhada dos Elefantes" 6

7. (PT) - Diário da Região, 14/11/2013, A Caminhada dos Elefantes estreia este domingo 7

8. (PT) - Rostos.pt, 14/11/2013, «A Caminhada dos Elefantes» Entre o simbolismo e o real a «morte» torna-nos humanos 9

9. (PT) - Rostos.pt, 13/11/2013, Estreia nacional no Fórum Cultural da Baixa da Banheira - Moita Inês Barahona e Miguel Fragata apresentam "A Caminhada dos Elefantes" 11

10. (PT) - Diário Digital Online, 06/11/2013, A Caminhada dos Elefantes estreia a 17 de Novembro na Moita 12

11. (PT) - CNC- Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online, 31/10/2013, "A Caminhada dos Elefantes" 13

12. (PT) - TMN Entrada Livre Online, 31/10/2013, A Caminhada dos Elefantes - Entrada Livre 15

13. (PT) - Diário Digital Online, 18/10/2013, Â«A Caminhada dos ElefantesÂ» estreia em Novembro na Moita 17

A Caminhada dos Elefantes - Entrada Livre

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 25/11/2013

Meio: TMN Entrada Livre Online

URL: http://entradalivre.sapo.pt/eventos-pagos/a-caminhada-dos-elefantes-21607

14h30

Preço: Preço N/D

O Cine-Teatro São Pedro, em Alcanena, recebe, no próximo dia 26 de novembro, terça-feira, às 14:30h, o espetáculo "A Caminhada dos Elefantes". Este espetáculo, dirigido ao público escolar, é coproduzido pela Artemrede, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato.

"Com conceção, dramaturgia e encenação de Inês Barahona e Miguel Fragata, este solo interpretado por Miguel Fragata conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles.

"A Caminhada dos Elefantes" é sobre a existência, a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Um espetáculo que reflete sobre o fim, que é um mistério para todos nós, crianças ou adultos. A Caminhada dos Elefantes é um espetáculo financiado pela DG Artes".

Cinema Teatro Joaquim D´Almeida - Montijo A Caminhada dos Elefantes

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/11/2013

Meio: Rostos.pt

URL: http://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=212769&mostra=2

Hoje, dia 23 de novembro, pelas 16:30h, "A Caminhada dos Elefantes", um espetáculo de Inês Barahona e Miguel Fragata, co-produzido pela ArtemRede - Teatros Associados, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato, vai estar em cena no Cinema Teatro Joaquim D'Almeida, no Montijo.

"A Caminhada dos Elefantes" é uma peça de teatro para crianças e famílias em que a morte surge como tema central, desmistificando a forma como é encarada pelas crianças. Pretende proporcionar uma experiência de natureza estética e artística que desencadeie na mente das crianças um processo reflexivo assente na sensibilidade e nas emoções. Procura-se, através do teatro, que as crianças acedam a questões mais complexas e que as possam desconstruir, simplificar e compreender.

Inês Barahona e Miguel Fragata querem contrariar a tendência do tema ser transformado num tabu, como se fosse preferível o silêncio. Em vez do registo de infantilização, exploram o espaço para apresentar, confrontar, questionar conceitos e ideias sobre a morte, sem se afastarem da realidade e dando espaço às crianças para analisarem e desenvolverem uma compreensão pessoal do tema.

"A Caminhada do Elefante" conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles. "A Caminhada do Elefante" é sobre a existência, a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Um espetáculo que reflete sobre o fim, que é um mistério para todos nós, crianças ou adultos.

As fontes de inspiração para este espetáculo foram várias, nomeadamente os alunos de uma turma do 3º ano da EB Vale da Amoreira n.º1, com quem os criadores tiveram um encontro em setembro. Juntos criaram uma mala de ferramentas para lidar com a morte e encenaram um ritual fúnebre. Estes alunos tiveram também a oportunidade de assistir a um dos vários ensaios que têm estado a decorrer no Centro de Experimentação Artística, no Vale da Amoreira, assumindo um papel de "críticos" de teatro.

De referir que Inês Barahona e Miguel Fragata escolheram o Centro de Experimentação Artística, no Vale da Amoreira, e o Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira, para a residência artística da peça "A Caminhada dos Elefantes".

Este espetáculo de teatro é dirigido a crianças dos 6 aos 11 anos e suas famílias, tem a duração de 50 minutos e uma lotação máxima de 80 pessoas.

LER

http://

23.11.2013 - 1:54

Estreia nacional no Fórum Cultural da Baixa da Banheira - Moita Inês Barahona e Miguel Fragata apresentam «A Caminhada dos Elefantes»

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/11/2013

Meio: Rostos.pt

URL: http://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=202771&mostra=2

No Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira, concelho da Moita, hoje, dia 17 de novembro, pelas 16:00h, acontece a estreia nacional de "A Caminhada dos Elefantes", um espetáculo de Inês Barahona e Miguel Fragata, co-produzido pela ArtemRede - Teatros Associados, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato.

"A Caminhada dos Elefantes" é uma peça de teatro para crianças e famílias em que a morte surge como tema central, desmistificando a forma como é encarada pelas crianças. Pretende proporcionar uma experiência de natureza estética e artística que desencadeie na mente das crianças um processo reflexivo assente na sensibilidade e nas emoções. Procura-se, através do teatro, que as crianças acedam a questões mais complexas e que as possam desconstruir, simplificar e compreender.

Inês Barahona e Miguel Fragata querem contrariar a tendência do tema ser transformado num tabu, como se fosse preferível o silêncio. Em vez do registo de infantilização, exploram o espaço para apresentar, confrontar, questionar conceitos e ideias sobre a morte, sem se afastarem da realidade e dando espaço às crianças para analisarem e desenvolverem uma compreensão pessoal do tema.

"A Caminhada do Elefante" conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles. "A Caminhada do Elefante" é sobre a existência, a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Um espetáculo que reflete sobre o fim, que é um mistério para todos nós, crianças ou adultos.

As fontes de inspiração para este espetáculo foram várias, nomeadamente os alunos de uma turma do 3º ano da EB Vale da Amoreira n.º1, com quem os criadores tiveram um encontro em setembro. Juntos criaram uma mala de ferramentas para lidar com a morte e encenaram um ritual fúnebre. Estes alunos tiveram também a oportunidade de assistir a um dos vários ensaios que têm estado a decorrer no Centro de Experimentação Artística, no Vale da Amoreira, assumindo um papel de "críticos" de teatro.

De referir que Inês Barahona e Miguel Fragata escolheram o Centro de Experimentação Artística, no Vale da Amoreira, e o Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira, para a residência artística da peça "A Caminhada dos Elefantes".

Este espetáculo de teatro é dirigido a crianças dos 6 aos 11 anos e suas famílias, tem a duração de 50 minutos e uma lotação máxima de 80 pessoas.

LER

http://

17.11.2013 - 0:06

Inês Barahona e Miguel Fragata apresentam "A Caminhada dos Elefantes"

Tipo Meio: Internet
Data Publicação: 16/11/2013
Meio: Barreiro Web Online
URL: http://barreiroweb.com/bweb/?p=10606

Sábado, Novembro 16th, 2013

É para o auditório do Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira, que está marcada, no dia 17 de novembro, pelas 16:00h, a estreia nacional de "A Caminhada dos Elefantes", um espetáculo de Inês Barahona e Miguel Fragata, co-produzido pela ArtemRede - Teatros Associados, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato.

"A Caminhada dos Elefantes" é uma peça de teatro para crianças e famílias em que a morte surge como tema central, desmistificando a forma como é encarada pelas crianças. Pretende proporcionar uma experiência de natureza estética e artística que desencadeie na mente das crianças um processo reflexivo assente na sensibilidade e nas emoções. Procura-se, através do teatro, que as crianças acedam a questões mais complexas e que as possam desconstruir, simplificar e compreender.

Inês Barahona e Miguel Fragata querem contrariar a tendência do tema ser transformado num tabu, como se fosse preferível o silêncio. Em vez do registo de infantilização, exploram o espaço para apresentar, confrontar, questionar conceitos e ideias sobre a morte, sem se afastarem da realidade e dando espaço às crianças para analisarem e desenvolverem uma compreensão pessoal do tema.

"A Caminhada do Elefante" conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles. "A Caminhada do Elefante" é sobre a existência, a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Um espetáculo que reflete sobre o fim, que é um mistério para todos nós, crianças ou adultos.

As fontes de inspiração para este espetáculo foram várias, nomeadamente os alunos de uma turma do 3º ano da EB Vale da Amoreira n.º1, com quem os criadores tiveram um encontro em setembro. Juntos criaram uma mala de ferramentas para lidar com a morte e encenaram um ritual fúnebre. Estes alunos tiveram também a oportunidade de assistir a um dos vários ensaios que têm estado a decorrer no Centro de Experimentação Artística, no Vale da Amoreira, assumindo um papel de "críticos" de teatro.

De referir que Inês Barahona e Miguel Fragata escolheram o Centro de Experimentação Artística, no Vale da Amoreira, e o Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira, para a residência artística da peça "A Caminhada dos Elefantes".

Este espetáculo de teatro é dirigido a crianças dos 6 aos 11 anos e suas famílias, tem a duração de 50 minutos e uma lotação máxima de 80 pessoas.

Fonte: Câmara Municipal da Moita

"Fila J": peça "Caminhada dos Elefantes"

http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=cf841f69-a6f3-4281-bf4b-c2b138b22cb1&userId=5398573c-0ce2-4225-8e82-b47a162c0653

"Fila J": "Caminhada dos Elefantes", é o título de uma história verídica de uma manada de elefantes que caminhou para se despedir de um homem. Uma peça para ver no Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Moita.

«A Caminhada dos Elefantes» Entre o simbolismo e o real a «morte» torna-nos humanos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/11/2013

Meio: Rostos.pt

URL: http://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=202766&mostra=2

. Estreia nacional no Fórum Cultural da Baixa da Banheira - Moita, dia 17 de Novembro

Um espectáculo que procura humanizar a morte, dando-lhe o sentido real e transportando-a para a linguagem e vivências do quotidiano.

Um tema sobre o qual é proibido falar, mas, precisamente por ser proibido, torna-se durante todo o espectáculo como tema nuclear - um enigma, um mistério, vivido de forma dinâmica, com ritmo e intensidade teatral.

Ontem, pela manhã, assisti no Forum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira, à sessão de apresentação à comunicação social do espectáculo A Caminhada dos Elefantes, que vai ter a sua estreia nacional, ali, naquele espaço, no próximo dia 17 de Novembro, pelas 16 horas.

Um espectáculo de Miguel Fragata e Inês Barahona, que se afirma como uma reflexão "sobre a existência, a vida e a morte".

Nesta apresentação não tivemos a oportunidade de ver todo o espectáculo, facto que gerou uma sensação de ansiedade, curiosidade e uma imensa vontade de não perder a estreia.

O palco é o lugar onde tudo acontece, numa mistura harmoniosa do público com os actores, partilhando a sala comum, numa proximidade que permite que actores e público possam conversar, trocar olhares e sorrisos.

De certeza que, ao longo do tempo, em cada um dos espectáculos levado à cena, existirão factos inéditos, momentos de partilha que vão enriquecer esta Caminhada dos Elefantes.

O espectáculo tem um público alvo - as crianças - visando desmistificar os tabus que emergem da ideia de morte, através de um discurso carregado de afectos e construído a partir do mundo imaginário das brincadeiras infantis.

Um espectáculo que procura humanizar a morte, dando-lhe o sentido real e transportando-a para a linguagem e vivências do quotidiano.

Um tema sobre o qual é proibido falar, mas, precisamente por ser proibido, torna-se durante todo o espectáculo como tema nuclear - um enigma, um mistério, vivido de forma dinâmica, com ritmo e intensidade teatral.

O cenário coloca-nos em lugares de mistério, num jogo de luz e contraluz, penumbras, os sopros dão vida aos bonecos, podendo cada qual dar-lhe realidade até onde a sua imaginação o levar, sentido o espectador que o actor é o criador da vida, mas ele também pode recriar pela sua experiência e valores - a mãe, o pai, o irmão, o amigo.

Os bonecos vão nascendo para o espectáculo num jogo de sombras chinesas, ou como que estivessem a ser criados como personagens para serem projectadas num ecran de cinema ou emergir numa televisão, começam imóveis e de súbito parece que têm vida, movem-se e são uma referência

na acção.

A vida é como um jogo de sombras.

A paisagem nasce, na nossa frente, com uma beleza estética que, de repente pensamos ter ali, à nossa frente, um pouco de África.

Naquele nascimento e movimento de vida, com criatividade, o actor, é um criador, um artista plástico em acção, que nos faz sentir como, afinal, também nós, nos lugares onde estamos presentes quotidianamente na partilha da vida com os outros e com a natureza, também podemos ser actores - transformar e dar sentido à paisagem e aos dias.

Sentimos a energia do começo da caminhada dos elefantes, de forma humanizada, nos seus nomes e nos afectos que os levam a tomar caminho rumo à despedida da morte.

O primeiro momento da peça que assistimos é poderoso, musicalmente, cenicamente, num misto de teatro de marionetes e na força colocada pelo actor, com muita energia, versatilidade, interpretando o papel com muita autenticidade, aliás, como se exige, num espectáculo que vai crescer, certamente, com a proximidade do público e na sua relação com o público.

Um espectáculo que nos faz sonhar, pensar e exteriorizar sentimentos. Apetece-nos intervir, colocar perguntas.

Em certos momentos, pessoalmente, imaginei-me nos cenários das minhas brincadeiras de criança, e, até, neste pensar e sentir a morte, mergulhei pelas minhas memórias de criança, quando com sete anos perdi a minha mãe, e, recordo, ninguém queria falar comigo sobre o assunto - mas eu sentia que ela tinha partido para sempre.

É um espectáculo por aquilo que nos apercebemos, na troca de opiniões no final, com os seus autores, não pretende dar respostas, pretende promover a reflexão e fazer que todos nós encaremos a morte, com serenidade, como uma caminhada que faz parte da caminhada da vida.

Gostei imenso, porque, digo-vos, sinto que é uma peça de teatro com humanidade, com criatividade, com plasticidade, com musicalidade, que num espaço diminuto, move-se de forma dramática com muita expressividade entre o simbolismo e o real, nos torna humanos e familiares no próprio contexto teatral - permitindo a catarse da morte por dentro dos valores da vida, com espiritualidade, com humanismo.

Afinal é um brotar de estórias que vão nascendo e dão sentido ao teatro e provam que o teatro é vida.

Reservem um lugar para estreia. Obrigado!

O espectáculo A Caminhada dos Elefantes, é co-produzido pela ArtemRede - Teatros Associados, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato.

António Sousa Pereira

14.11.2013 - 1:18

Estreia nacional no Fórum Cultural da Baixa da Banheira - Moita Inês Barahona e Miguel Fragata apresentam "A Caminhada dos Elefantes"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/11/2013

Meio: Rostos.pt

URL: http://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=202762&mostra=2

É para o auditório do Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira, que está marcada, no dia 17 de novembro, pelas 16:00h, a estreia nacional de "A Caminhada dos Elefantes", um espetáculo de Inês Barahona e Miguel Fragata, co-produzido pela ArtemRede - Teatros Associados, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato.

"A Caminhada dos Elefantes" é uma peça de teatro para crianças e famílias em que a morte surge como tema central, desmistificando a forma como é encarada pelas crianças. Pretende proporcionar uma experiência de natureza estética e artística que desencadeie na mente das crianças um processo reflexivo assente na sensibilidade e nas emoções. Procura-se, através do teatro, que as crianças acedam a questões mais complexas e que as possam desconstruir, simplificar e compreender.

Inês Barahona e Miguel Fragata querem contrariar a tendência do tema ser transformado num tabu, como se fosse preferível o silêncio. Em vez do registo de infantilização, exploram o espaço para apresentar, confrontar, questionar conceitos e ideias sobre a morte, sem se afastarem da realidade e dando espaço às crianças para analisarem e desenvolverem uma compreensão pessoal do tema.

"A Caminhada do Elefante" conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles. "A Caminhada do Elefante" é sobre a existência, a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Um espetáculo que reflete sobre o fim, que é um mistério para todos nós, crianças ou adultos.

As fontes de inspiração para este espetáculo foram várias, nomeadamente os alunos de uma turma do 3º ano da EB Vale da Amoreira n.º1, com quem os criadores tiveram um encontro em setembro. Juntos criaram uma mala de ferramentas para lidar com a morte e encenaram um ritual fúnebre. Estes alunos tiveram também a oportunidade de assistir a um dos vários ensaios que têm estado a decorrer no Centro de Experimentação Artística, no Vale da Amoreira, assumindo um papel de "críticos" de teatro.

De referir que Inês Barahona e Miguel Fragata escolheram o Centro de Experimentação Artística, no Vale da Amoreira, e o Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira, para a residência artística da peça "A Caminhada dos Elefantes".

Este espetáculo de teatro é dirigido a crianças dos 6 aos 11 anos e suas famílias, tem a duração de 50 minutos e uma lotação máxima de 80 pessoas.

13.11.2013 - 0:02

A Caminhada dos Elefantes estreia a 17 de Novembro na Moita

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/11/2013

Meio: Diário Digital Online

URL: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=666897

HOJE Ã s 08:34

A Caminhada dos Elefantes é um espectáculo co-produzido pela Artemrede, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato, com estreia marcada para o dia 17 de Novembro, ? s 16:00, no Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Moita, município associado da Artemrede.

Com concepção, dramaturgia e encenação de Inês Barahona e Miguel Fragata, este solo interpretado por Miguel Fragata conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles.

A Caminhada dos Elefantes é sobre a existência, a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Um espectáculo que reflecte sobre o fim, que é um mistério para todos nós, crianças ou adultos.

A Caminhada dos Elefantes é um espectáculo financiado pela DG Artes.

ITINERÂNCIA:

MOITA | Fórum Cult. José Manuel Figueiredo | domingo, 17 Nov | 16:00

SANTARÉM | Teatro Sá da Bandeira | quinta, 21 Nov | 14:00

MONTIJO | Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida | sábado, 23 Nov | 16:30

ALCANENA | Cine-Teatro São Pedro | terça, 26 de Nov | 14:30

SOBRAL | Cine-Teatro | domingo, 8 de Dez | 16:00

SESIMBRA | Cineteatro Mun. João Mota | terça, 10 Dez | 14:30

ALMADA | data e local a definir

"A Caminhada dos Elefantes"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 31/10/2013

Meio: CNC- Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online

URL: http://www.e-cultura.pt/AgendaCulturalDisplay.aspx?ID=37381

Descrição

A Caminhada dos Elefantes é um espetáculo que conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles.

Com conceção, dramaturgia e encenação de Inês Barahona e Miguel Fragata, este espetáculo para crianças e famílias aborda o tema da morte. Foi construído procurando contrariar a infantilização e a efabulação deste tema que é difícil e profundo. Neste espetáculo são apresentados conceitos e ideias sobre o assunto, dando espaço para as crianças analisarem, explorarem e compreenderem a morte de uma forma pessoal e íntima.

Na caminhada de criação deste espetáculo, foram realizados vários encontros com crianças, entre os 6 e os 11 anos, que foram a ocasião para descobrir e confrontar as ideias que elas têm sobre a morte e sobre como lidar com ela. Foram também recolhidos testemunhos de adultos de diversas áreas profissionais, que responderam à questão "Como explicaria a morte a uma criança de oito anos?". Todo este processo foi acompanhado, do ponto de vista técnico, por Madalena Paiva Gomes, psicoterapeuta psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos. A consultora de A Caminhada dos Elefantes acrescenta: "o espetáculo pretende ser uma caminhada conjunta para um crescimento pessoal, onde através da partilha se vivem e revisitam experiências emocionais de perda, se constroem ou reinventam novos pensamentos, conceitos, significados e ferramentas para conseguir lidar com esses sentimentos." O espetáculo conta ainda com a consultoria de Elvira Leite para a vertente pedagógica, e de Catarina Requeijo, Giacomo Scalisi e Isabel Minhós Martins, para a vertente artística.

A Caminhada dos Elefantes é um espetáculo sobre a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Este é um espetáculo que reflete sobre o fim - um mistério para todos, crianças ou adultos.

O espetáculo é financiado pela Direção Geral das Artes e coproduzido pela Artemrede, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato.

Ficha artística e técnica

Conceção, Dramaturgia e Encenação

Interpretação

Cenografia e Figurinos

Música

Luz

Produção

Produção Executiva

Apoio à Dramaturgia na Vertente da Psicologia Infantil

Apoio à Dramaturgia na Vertente da Pedagogia

Consultoria Artística

Tipo de Evento

Teatro e Stand Up Comedy

Web Site

http://www.artemrede.pt/

Data(s) do evento

17-11-2013

16h00

Fórum Cultural José Manuel Figueiredo

Distrito: Setúbal

Concelho: Moita

A Caminhada dos Elefantes - Entrada Livre

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 31/10/2013

Meio: TMN Entrada Livre Online

URL: http://entradalivre.sapo.pt/eventos-pagos/a-caminhada-dos-elefantes-20687

16h00

Preço: Preço N/D

A Caminhada dos Elefantes é um espetáculo que conta a história de um homem e de uma manada de elefantes. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles.

Com conceção, dramaturgia e encenação de Inês Barahona e Miguel Fragata, este espetáculo para crianças e famílias aborda o tema da morte. Foi construído procurando contrariar a infantilização e a efabulação deste tema que é difícil e profundo. Neste espetáculo são apresentados conceitos e ideias sobre o assunto, dando espaço para as crianças analisarem, explorarem e compreenderem a morte de uma forma pessoal e íntima.

Na caminhada de criação deste espetáculo, foram realizados vários encontros com crianças, entre os 6 e os 11 anos, que foram a ocasião para descobrir e confrontar as ideias que elas têm sobre a morte e sobre como lidar com ela. Foram também recolhidos testemunhos de adultos de diversas áreas profissionais, que responderam à questão "Como explicaria a morte a uma criança de oito anos?". Todo este processo foi acompanhado, do ponto de vista técnico, por Madalena Paiva Gomes, psicoterapeuta psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos. A consultora de A Caminhada dos Elefantes acrescenta: "o espetáculo pretende ser uma caminhada conjunta para um crescimento pessoal, onde através da partilha se vivem e revisitam experiências emocionais de perda, se constroem ou reinventam novos pensamentos, conceitos, significados e ferramentas para conseguir lidar com esses sentimentos." O espetáculo conta ainda com a consultoria de Elvira Leite para a vertente pedagógica, e de Catarina Requeijo, Giacomo Scalisi e Isabel Minhós Martins, para a vertente artística.

A Caminhada dos Elefantes é um espetáculo sobre a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Este é um espetáculo que reflete sobre o fim - um mistério para todos, crianças ou adultos.

O espetáculo é financiado pela Direção Geral das Artes e coproduzido pela Artemrede, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato.

Ficha artística e técnica

Conceção, Dramaturgia e Encenação

Interpretação

Cenografia e Figurinos

Música

Luz

Produção

Produção Executiva

Apoio à Dramaturgia na Vertente da Psicologia Infantil

Apoio à Dramaturgia na Vertente da Pedagogia

Consultoria Artística

Â«A Caminhada dos ElefantesÂ» estreia em Novembro na Moita

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 18/10/2013

Meio: Diário Digital Online

URL: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=663034

A Caminhada dos Elefantes, espectáculo que conta a história de um homem e de uma manada de elefantes, estreia a 17 de Novembro (domingo), ? s 16:00 horas, no Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Moita. Quando o homem morre, os elefantes fazem uma caminhada misteriosa a sua casa, para lhe prestar uma última homenagem: não era um homem qualquer, era um deles.

Com concepção, dramaturgia e encenação de Inês Barahona e Miguel Fragata, este espectáculo para crianças e famílias aborda o tema da morte. Foi construído procurando contrariar a infantilização e a efabulação deste tema que é difícil e profundo. Neste espectáculo são apresentados conceitos e ideias sobre o assunto, dando espaço para as crianças analisarem, explorarem e compreenderem a morte de uma forma pessoal e íntima.

Na caminhada de criação deste espectáculo, foram realizados vários encontros com crianças, entre os 6 e os 11 anos, que foram a ocasião para descobrir e confrontar as ideias que elas têm sobre a morte e sobre como lidar com ela. Foram também recolhidos testemunhos de adultos de diversas áreas profissionais, que responderam à questão Como explicaria a morte a uma criança de oito anos?.

Todo este processo foi acompanhado, do ponto de vista técnico, por Madalena Paiva Gomes, psicoterapeuta psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos. A consultora de A Caminhada dos Elefantes acrescenta: o espectáculo pretende ser uma caminhada conjunta para um crescimento pessoal, onde através da partilha se vivem e revisitam experiências emocionais de perda, se constroem ou reinventam novos pensamentos, conceitos, significados e ferramentas para conseguir lidar com esses sentimentos. O espectáculo conta ainda com a consultoria de Elvira Leite para a vertente pedagógica, e de Catarina Requeijo, Giacomo Scalisi e Isabel Minhós Martins, para a vertente artística.

A Caminhada dos Elefantes é um espectáculo sobre a vida e a morte, e o caminho que todos temos de fazer, um dia, para nos despedirmos de alguém. Este é um espectáculo que reflecte sobre o fim - um mistério para todos, crianças ou adultos.

O espectáculo é financiado pela Direcção Geral das Artes e co-produzido pela Artemrede, Maria Matos Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor e Teatro Viriato.

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Concepção, Dramaturgia e Encenação: Miguel Fragata e Inês Barahona

Interpretação: Miguel Fragata

Cenografia e Figurinos Maria João Castelo

Música: Fernando Mota

Luz: José Álvaro Correia

Produção: Meninos Exemplares

Produção Executiva: Sara Morais

Apoio à Dramaturgia na Vertente da Psicologia Infantil: Madalena Paiva Gomes

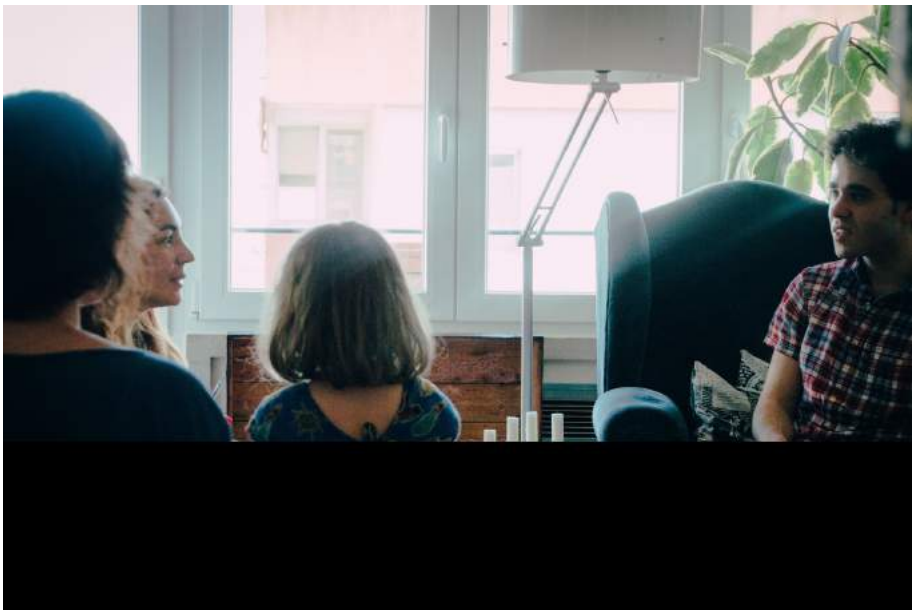
Apoio à Dramaturgia na Vertente da Pedagogia: Elvira Leite

Consultoria Artística: Giacomo Scalisi, Catarina Requeijo e Isabel Minhós Martins

/ 11.10.15 / 2 Comments / (com) vida , blog , entrevistas , publicações

INÊS BARAHONA E MIGUEL FRAGATA

Inês Barahona e **Miguel Fragata** estão juntos desde 2007.
Partilham a vida e os projectos de trabalho, têm uma filha com 4 anos chamada Vitória e esperam ansiosamente o nascimento de Pilar.
São apaixonados pelo que fazem e apaixonados um pelo outro.



APRESENTAÇÃO

O meu nome é Alexandra, vivo com o meu namorado de sempre e juntos temos quatro filhos. **Nheko** é um espaço de partilha sobre a vida em família - a nossa e outras - e de divulgação de pessoas que fazem coisas realmente inspiradoras. Sejam bem-vindos.

A NOSSA LOJA

Nheko: Conheceram-se no Centro Cultural de Belém.
Inês: Sim, em 2007, temos como referência a véspera da inauguração do museu Berardo como o início de tudo. Temos uma combinação muito boa: Estaremos juntos enquanto for bom! - Nunca formalizámos uma data mas quando ouvimos falar do aniversário do museu lá nos lembramos: É agora!
Miguel: O contexto é esse, o CCB, o trabalho que fazíamos com a Madalena Victorino.
Inês: Eu estava no Centro de Pedagogia e Animação do CCB desde 2003 e em 2005 passei a efectiva e a fazer parte da equipa permanente da Madalena Victorino, o Miguel tinha aparecido para entrar num projecto.
Miguel: Eu sempre trabalhei como independente, fui para participar num projecto que a Madalena estava a criar, "As ovelhas clandestinas" que inicialmente se chamava "A mala das pedras", depois fiquei a colaborar regularmente com a equipa do CPA-CCB.

N: Desde essa altura que partilham algumas premissas no que respeita à criação para a infância.
M: Trabalhamos no sentido contrário da infantilização e do entretenimento. Tem havido, por um lado uma evolução por outro uma degradação. Começou-se a fazer muito mais mas coisas muito más. Começou a haver mais interesse pela criação para a infância, cada vez mais procura por parte do público e das estruturas, ao ponto de muitos teatros acharem que precisavam de ter

Nhek
SHOP

@NHEKO_

Nheko

SEGUIR POR E-MAIL

Email address... Submit

TEMAS

(COM) VIDA À VOLTA DA MESA
ADOLESCÊNCIA AFINIDADES
BEM-VINDO SEJAS... CASAL
CULTURA DIAS ÚTEIS
DORES DE CRESCIMENTO
EDUCAÇÃO ENTREVISTAS
EXCLUSIVOS NHEKO
FALA COM ELAS FILHOS LIVROS

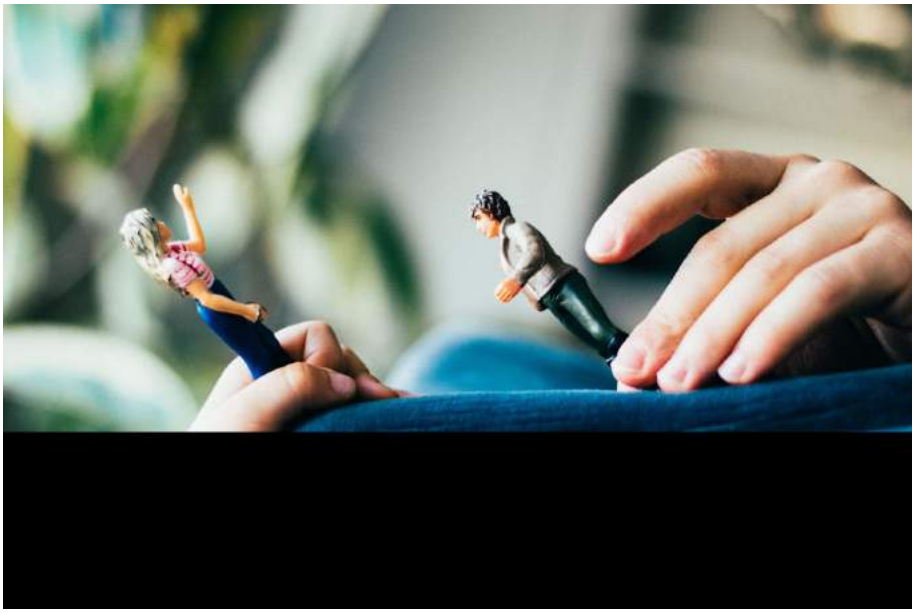
um Serviço Educativo mas que depois não tinham capacidade para o menter e limitavam-se a programar para este público sem mais nenhum tipo de preocupação ou de investimento. Mas por outro lado isto representou muito mais oportunidades. Há no entanto ainda muito preconceito em relação à criação para a infância.

N: Faz sentido falar de "criação para a infância"?
I: Há a infantilização que é o menos interessante quando se fala em criar para a infância. Mas há características destes objectos para a infância que exigem uma observação especifica, adequada. É durante o processo criativo que temos de ter em conta essa especificidade, é importante fazer ensaios com público e utilizar várias estratégias que permitam essa adequação, esse conhecimento.
M: Tal como na criação para o público adulto temos de experimentar coisas, perceber o público alvo.
I: Sim e ao contrário do que se pensou durante anos, este público é exigente. Muitas vezes há uma facilitação nos trabalhos para crianças - muita cor, muito barulho e chega, não precisas de te preocupar com mais nada! - Há que perceber que este público é sensível, são seres pensantes com a mente aberta... é um público que ainda não tem convenções!

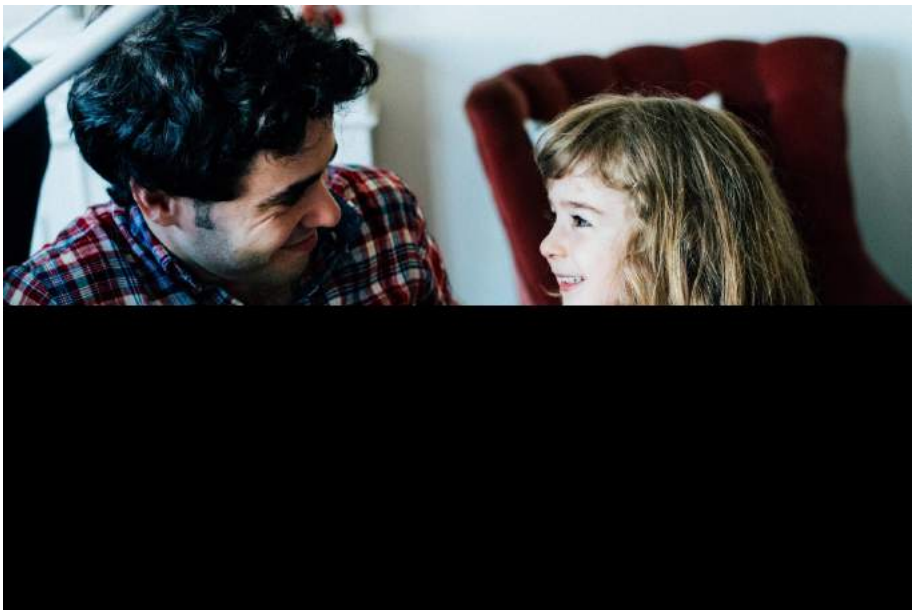
N: E qual tem sido a vossa experiência no trabalho com as escolas?

M: O nosso trabalho sempre viveu muito da relação com as escolas, com os professores.
I: Por vezes são coisas muito simples que oferecem grandes resultados nesta relação. Se um professor chega a um sítio e percebe que o seu papel é importante, se é bem acolhido e valorizado, se conseguimos ter uma atitude inclusiva, se o professor sente que faz parte, aí temos um aliado precioso, temos um elemento fundamental e isso tem um impacto brutal nos seus alunos, de repente já todos estão de outra forma, já se relacionam com o espaço e com toda a envolvente de forma diferente - O professor é uma âncora, é o exemplo, tal como os pais.
M: Temos falado muito nisso, se há um trabalho grande a fazer junto dos miúdos, há um trabalho ainda maior a fazer junto dos professores.
I: Se tens um professor que não é leitor, que não tem hábitos de consumo cultural, que não é ouvinte de música, etc, isso transparece, as crianças não não têm referências. Trabalhar com as crianças e esquecer os adultos que estão com elas não tem impacto nem resultados, torna-se muito difícil intervir. Há neste campo uma enormidade de possibilidades de fazer pontes entre o que se vai ver e as matérias curriculares, ligar um espectáculo às matérias de geografia, matemática... é só querer, ter disponibilidade para isso. Temos tido muitos bons exemplos de professores que o fazem, essencialmente através de uma grande disponibilidade e humildade, para desenvolver este trabalho é preciso estar aberto, deixar de querer dominar tudo.

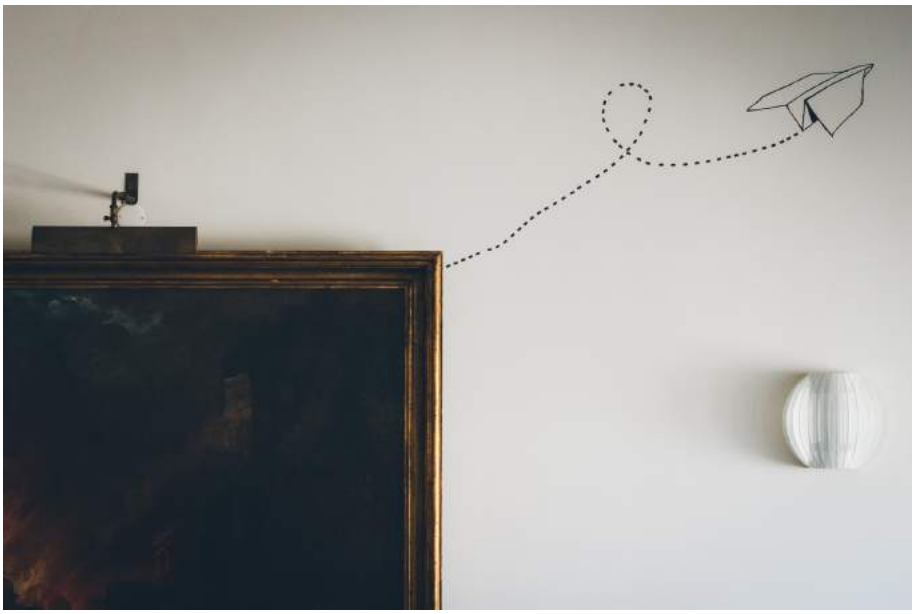
N: Neste contexto da arte e do consumo cultural como é que funcionam em casa com a vossa filha?
M: Há coisas como "a caixinha mágica" que são de consumo controlado, tem uma utilização muito limitada, tentamos escolher o que mostramos mas em casa dos avós não interferimos, o consumo é livre.
I: Não vamos ver coisas tantas vezes como gostaríamos, vamos com descontracção e sem nos sentirmos obrigados.



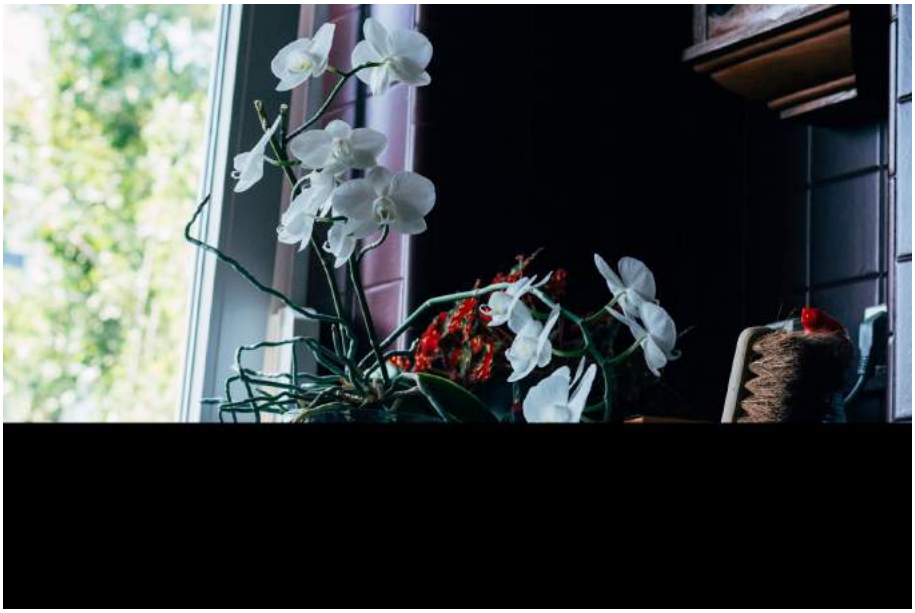
N: O vosso olhar, relativamente a espectáculos ou outros objectos artísticos, mudou desde que foram pais?
M: Conscientemente não.
I: Eu senti uma mudança grande em relação a uma coisa, agora compreendo muito melhor os pais, absolutamente, a minha leitura dos comportamentos dos pais mudou muito.
M: Sim, como artista eu ás vezes observava alguns comportamentos dos pais com total indignação.
I: Somos mais tolerantes nesse aspecto mas na criação em si não mudei a forma como olho e construo as coisas. Há coisas que agora percebo melhor até porque temos um "espécime" cá em casa para observação.



N: "A caminhada dos elefantes" foi o vosso primeiro trabalho juntos com estas características?
M: Embora tenhamos trabalhado juntos durante vários anos, esta foi a primeira vez que criámos um espectáculo em conjunto.
I: O Miguel já tinha falado em abordarmos o tema da morte num espectáculo para crianças mas foi quando ficámos à espera da Vitória que se tornou óbvio que o tínhamos de fazer, ambos sentimos isso.



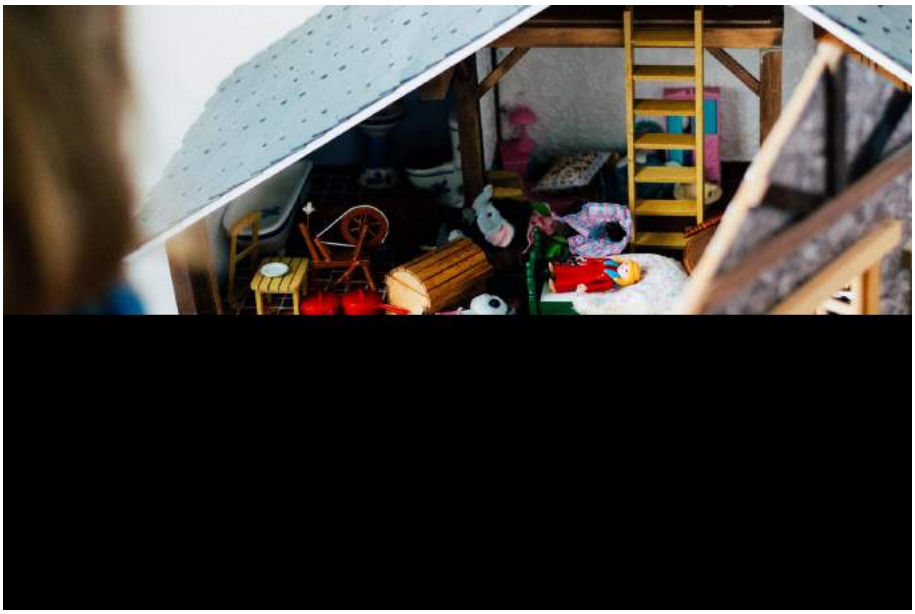
N: É fácil trabalharem juntos?
I: Não, não é nada fácil. Há alturas em que já não nos podemos ver, porque depois nunca desligamos, estamos sempre a trabalhar. Ainda andamos à procura da fórmula certa, na atribuição e distribuição dos papéis, do que sai para fora ser coerente com o trabalho que fazemos, não é fácil mas nós adoramos! Nós somos apaixonados pelo que fazemos e somos apaixonados um pelo outro!
M: A maior dificuldade é saber parar, é uma aprendizagem que ainda não fizemos.



N: Tem sido possível, ao longo destes anos todos, viver disto, ter este trabalho como forma única de subsistência?
I: Temos tido muita sorte, temos conseguido parcerias e desenvolvido projectos que nos têm permitido estar sempre a trabalhar, de qualquer forma eu tenho uma outra fonte de rendimento que é fixa e que nos dá maior estabilidade. Acho que esta nossa geração consegue viver assim de uma forma menos planeada, nós por exemplo não olhamos muito para o futuro, quando temos dinheiro vamos viajar! Somos muito impulsivos.
M: Nunca tive vínculo nenhum, sempre fui independente, se temos dinheiro viajamos mas se não temos dinheiro e não podemos fazer algumas coisas, também vivemos bem com isso.
I: Para mim tem sido uma aprendizagem, venho de uma família muito conservadora, tenho outro registo em termos da minha educação mas vivemos muito bem assim. Temos um projecto: nós não somos casados e decidimos que vamos casar em Las Vegas, até temos uma conta só para isto! Antes da Vitória ter 6 anos queremos fazer uma viagem "coast to coast" e casar em Las Vegas com o Elvis, claro!

N: Como escolheram o nome da vossa filha Vitória?
M: Primeiro era importante que fosse um nome forte por si, suficiente, que dispensasse apelidos.
I: Eu detesto apelidos, cresci num meio muito conservador onde os apelidos tinham um grande peso.
M: Tínhamos essa premissa e depois cada um fez uma lista.
I: E havia poucos nomes em comum, Vitória era um deles. Aos três meses de gravidez morreu a minha avó, a sua mãe chamava-se Vitória, eu não cheguei a contar à minha avó da gravidez porque estávamos a querer deixar passar aqueles primeiros meses e então fez todo o sentido a escolha do nome, são daquelas coisas meio esotéricas e que casam perfeitamente com as hormonas da gravidez.

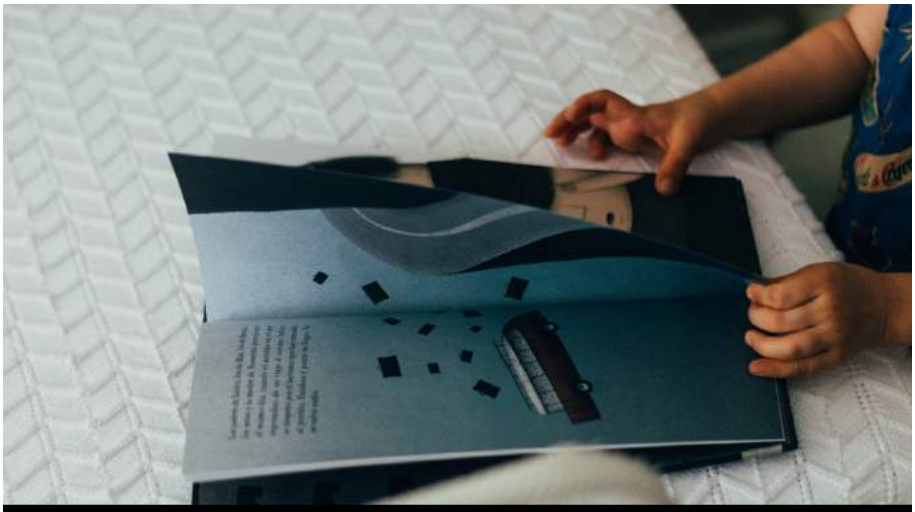
N: Quais os traços mais marcantes na personalidade da Vitória?
I: Há uma coisa muito gira que é a forma de pensar, a associação de ideias, os caminhos. Há pouco disse-me: "Se o pai tivesse duas bocas podia estar a conversar com a Alexandra e a brincar comigo ao mesmo tempo" acho isto fantástico!
M: Fascina-me o sentido de brincadeira, a capacidade de brincar e gozar, o sentido de humor.



N: A Vitória e mais parecida com o pai ou com a mãe?
I: Tem uma energia e uma alegria muito parecida com a do Miguel.
M: Da Inês tem a capacidade de ser articulada, pensa e põe em palavras com uma facilidade enorme, daí também o interesse que tem por histórias, a

palavra é o campo dela.

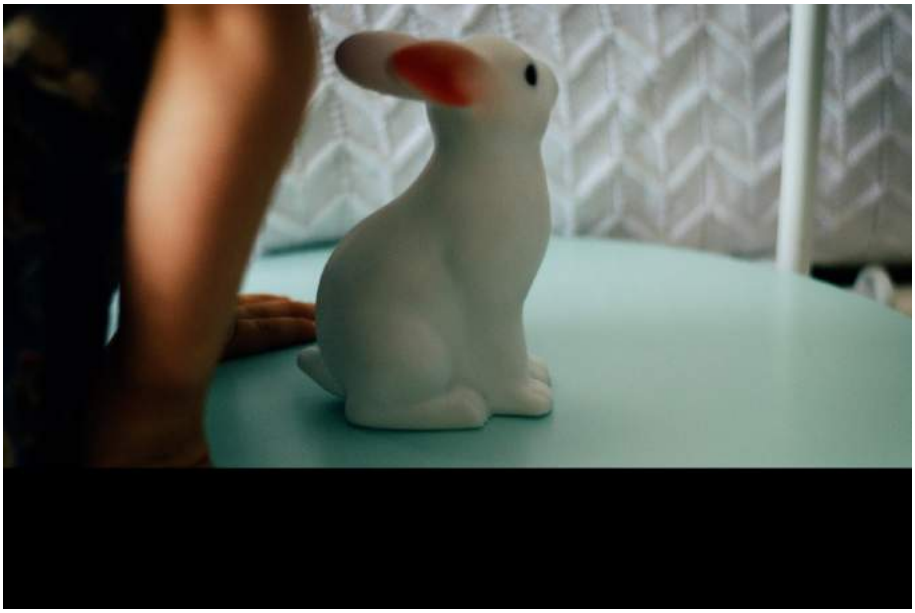
N: Quais são os vossos livros favoritos?
I: "Diógenes" é um livro incrível, um diário de vários elementos de uma família que fazem colecções inusitadas.
M: É muito difícil... há tantos, talvez "O elefante acorrentado", quando nos preparámos para fazer "A caminhada dos elefantes" conhecemos livros incríveis sobre a morte, livros muito bonitos.

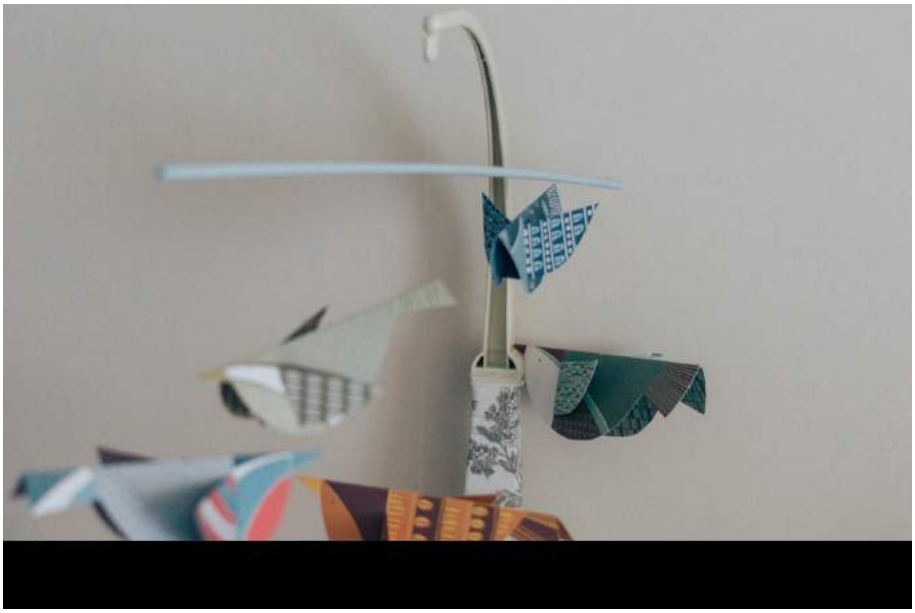


N: Quais os vossos programas habituais em família?
M: Vamos muito à cinemateca, passear ao parque na primavera, almoçar os três, a Vitória é muito petisqueira, adora conhecer e experimentar coisas novas.
I: Mas ás vezes a Vitória pede para ficar em casa, como andamos muito por fora há ocasiões em que ela pede para ficar a brincar em casa. Nós temos o hábito da levar connosco, de nos acompanhar em todas as coisas mais normais como ir comprar os materiais para o cenário, ela faz parte de tudo e qualquer programa pode ser interessante com ela, é uma questão de perspectiva. Quando fomos a Madrid queríamos ir aos museus e criámos uma espécie de jogo em que a Vitória andava pelos sítios à procura de personagens que lhe tínhamos apresentado, foi divertido para os três.

N: Vocês são pais muito diferentes dos pais que têm?
I: Eu sou muito diferente dos meus pais, às vezes tenho tendência em reproduzir algumas coisas, quando me distraio oiço o meu pai nas minhas próprias palavras, de vez em quando vem ao de cima um tipo de "paranóia organizativa" género militar, umas irritações idiotas por coisas insignificantes.

N: Sentem-se preparados para a chegada do bebé?
I: Não!
M: Não, ainda estamos naquela fase em que nos faz confusão pensar como é que isto vai acontecer, como é que este sentimento se pode multiplicar. A gravidez da Vitória foi vivida com uma tranquilidade enorme, esta está a ser completamente diferente, cheia de trabalho, de stress, desta vez nem abrimos ainda o livro da gravidez, na primeira era pratica diária!





N: A Vitória acompanha-vos quando vão para fora?
I: Sim, sempre foi "cacheira viajante".
M: Sempre que vamos para norte a Vitória fica no Porto com a minha família.
I: Ela pergunta: "agora vamos viver aqui?"
M: Quando são saídas mais curtas fica com os Pais da Inês.
I: Os pais do Miguel são incríveis, nunca pensei conhecer pessoas tão generosas. A Vitória mamou até fazer 1 ano, durante o dia mamava de duas em duas horas, nunca aceitou biberão nem mesmo com o meu leite, os pais do Miguel ficavam com ela e levavam-na a mim onde quer que eu estivesse.
M: É muito bom que ela tenha esta diversidade de experiências.
I: Quando a Vitória fica com a avó do Miguel que tem 80 anos e tem uma casa com patos, galinhas, etc, a única recomendação é que venha muito suja!

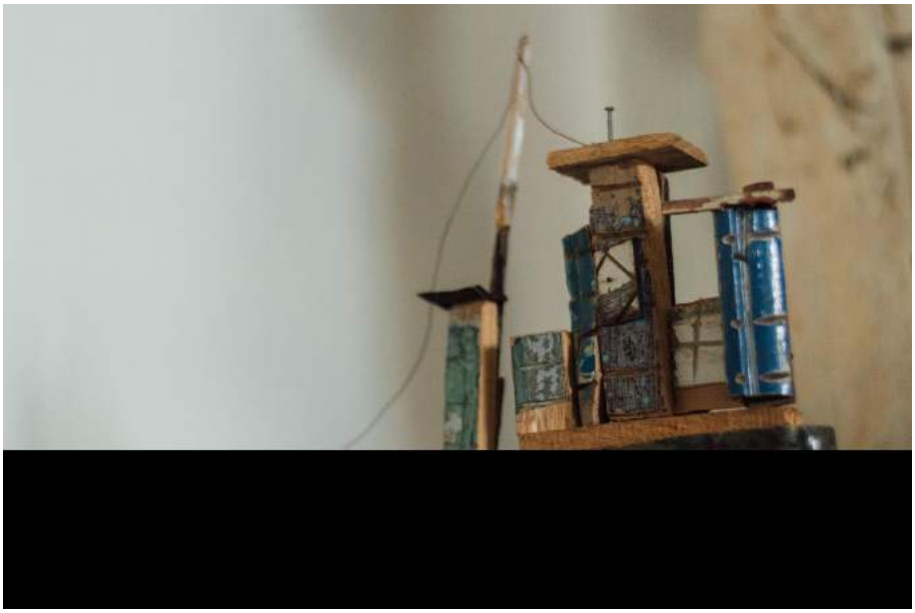
N: Na escola da Vitória aceitam bem estas ausências?
M: Em geral sim, nunca levantaram problemas mas há momentos em que sentimos que é difícil gerir as ausências como por exemplo nesta altura de final do ano com as actividades que preparam, a festa, as saídas...

N: Com que idade a Vitória foi para a escola e quais foram os vossos critérios na escolha?
M: A Vitória está na escola desde os dois anos e meio, é uma escola muito familiar e calorosa, tínhamos muito boas referências da escola do tempo em

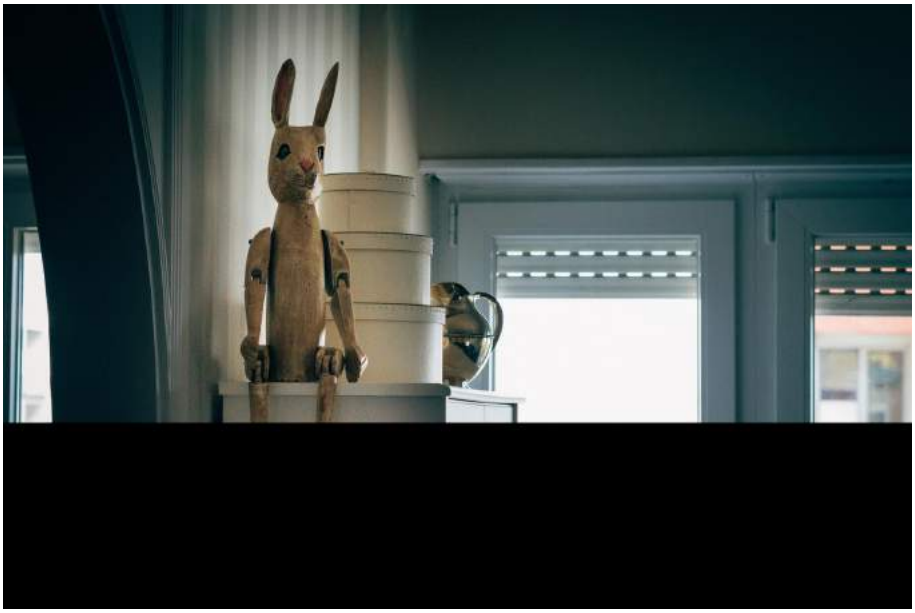
que trabalhávamos no CCB e é muito perto de casa.

N: Na vossa dinâmica familiar quem mima quem?
I: O Miguel é quem dá colo a todos. A casa pode estar virada, ainda não sabemos o que vamos jantar, está na hora do banho mas, se é preciso brincar um bocado é isso que o Miguel faz, senta-se no chão e brinca. Eu tenho vindo a descontrair, a aprender muito com isto.

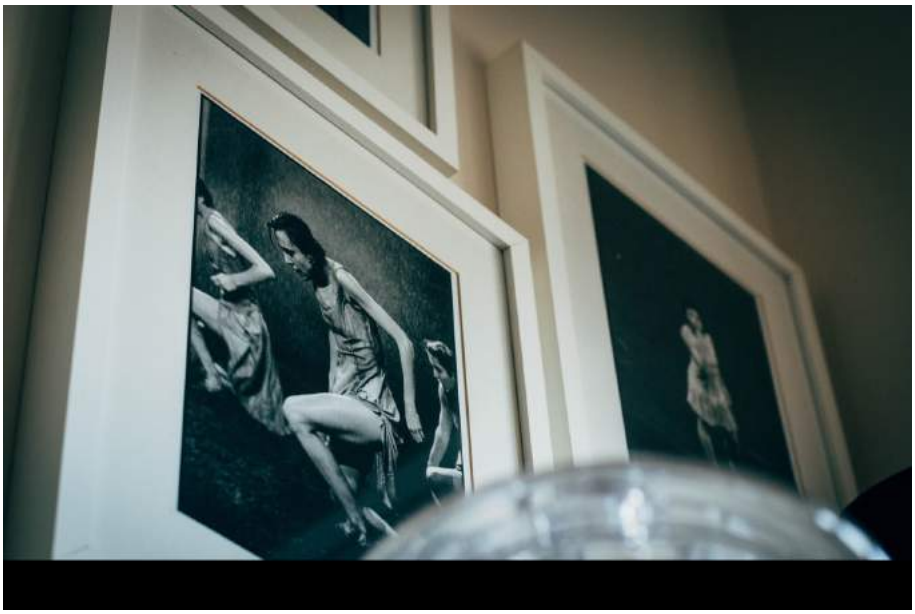
N: Ficaram mais "piegas" desde que foram pais?
I: Mais piegas não, mas quando estou grávida fico muito sensível.
M: Eu acho que sim, fiquei mais piegas e mais sensível a certas coisas que antes me passavam ao lado, nas notícias, nos filmes... é a emoção à flor da pele!

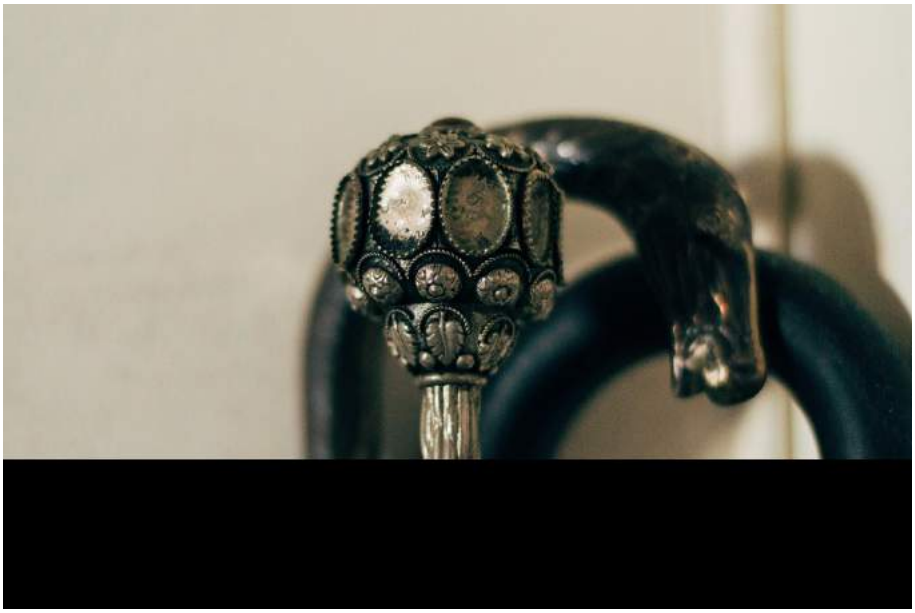


N: A Vitória vai ser a irmã mais velha, vocês têm irmãos?
I: Somos ambos os irmãos mais novos. Eu tenho duas irmãs e temos grande proximidade de idades, tínhamos uma relação muito conflituosa, agora não. O Miguel tem uma irmã mais velha. estamos muito curiosos com esta nova fase da nossa família.



N: Aproveitam quando estão fora para namorar?
I: Sim, a doula que acompanhou a gravidez da Vitória disse-nos que nós os dois, o casal, é o nosso primeiro filho e nunca nos podíamos esquecer deste nosso filho. Volta e meia olhamos um para o outro e dizemos que temos de ir tratar do nosso primeiro filho.





N: Como é que se imaginam daqui a uns 40 anos?
M: Iguais! Na sequência do nosso caminho, próximos do que somos hoje e disponíveis, para muita coisa... para os netos!

Maio 2015, Fotografias Vitorino Coragem

Inês Barahona
Nasceu em Lisboa, em 1977. Licenciada em Filosofia. Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa).
Fundou e dirige com Miguel Fragata a FORMIGA ATÓMICA.
Ingressou no Centro de Pedagogia e Animação, do Centro Cultural de Belém, em 2005, sob a direção de Madalena Victorino, onde desenvolveu projetos de relação entre as artes e a educação para público escolar, familiar e especializado.
Desenvolveu, em 2008, com Madalena Victorino e Rita Batista, para a Direção-Geral das Artes, "O Livro Escuro e Claro", cuja distribuição acompanhou em 2012, dando formação a equipas e professores. Colaborou ainda na conceção da exposição "Uma Carta Coreográfica" da autoria de Madalena Victorino, para a Direção-Geral das Artes. Integrou a equipa de Giacomo Scalisi, vertentes de Produção e Relação com a Comunidade, na inauguração do Teatro Municipal de Portimão, em 2008. Trabalha em áreas como a escrita e a dramaturgia, com Madalena Victorino ("Caruma" e "Vale"), Giacomo Scalisi ("Teatro das Compras"), Teatro Regional da Serra de Montemuro ("Sem Sentido"), Catarina Requeijo (assistência de encenação ao

espetáculo "Amarelo", texto de "A Grande Corrida") e Circolando (apoio dramatúrgico à criação do espetáculo "Água"). Encenou, em 2012, o espetáculo "A Verdadeira História do Teatro", para o Teatro Maria Matos, em 2013, "A Verdadeira História da Ciência", para a Fundação C. Gulbenkian. Concebeu ainda em 2013 com Miguel Fragata "A Caminhada dos Elefantes". Dá formação na área da escrita a professores e adultos, no Sou – Movimento e Arte, Fundação C. Gulbenkian e Circolando.

Miguel Fragata
Nasceu no Porto, em 1983. Estudou no Colégio Alemão do Porto. É licenciado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Completou o Bacharelato em Teatro na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo.
Fundou e dirige com Inês Barahona a FORMIGA ATÓMICA. Em 2007 encenou e interpretou o espetáculo "Atentados em Experiência", apresentado no São Luiz Teatro Municipal, integrado no ciclo Novos Atores. Em 2015, concebeu e encenou o espetáculo "O Homem Sem Rótulo" para a EGEAC - Padrão dos Descobrimentos.
Em 2013, concebeu e encenou, com Inês Barahona, o espetáculo "A Caminhada dos Elefantes", um projeto financiado pela Direção-Geral das Artes e coproduzido pelo Teatro Maria Matos, Teatro Viriato, Centro Cultural Vila Flor e Artemrede — Teatros Associados. Foi ainda o intérprete a solo deste espetáculo. Nesse ano dirigiu, com Giacomo Scalisi, a 5a. edição do projeto "Teatro das Compras", uma produção da EGEAC no âmbito das Festas de Lisboa. Criou e interpretou vários espetáculos que integraram as edições anteriores do mesmo projeto. Fez assistência de encenação a Bruno Bravo, Diogo Dória, Claudio Hochmann e Madalena Victorino. Trabalha regularmente como intérprete nos espetáculos da companhia de teatro Mala Voadora, sob a direção de Jorge Andrade, e também como intérprete e cocriador nos espetáculos de Madalena Victorino. Trabalhou como ator em espetáculos de Cristina Carvalhal, Catarina Requeijo, Rafaela Santos, Pompeu José, José Rui Martins, José Carretas, Gabriel Villela, entre outros. Em cinema trabalhou com Pedro Palma e Maria Pinto. Interpretou e cocriou espetáculos para crianças, com Inês Barahona, Agnès Desfosses (Compagnie Acta - Paris), Vera Alvelos, Catarina Requeijo e Madalena Victorino. Colaborou ainda na conceção da exposição "Uma Carta Coreográfica" da autoria de Madalena Victorino, para a Direção-Geral das Artes. Desenvolve projetos de relação entre as artes e a educação, através da criação de oficinas artísticas, visitas encenadas e pequenos espetáculos para a Artemrede — Teatros Associados, Casa das Histórias - Museu Paula Rego, Centro Cultural de Belém, Festival Todos, Fundação Calouste Gulbenkian, Padrão dos Descobrimentos, Rede TEIAS, Teatro Maria Matos e Teatro Viriato. Colabora também com a editora Orfeu Negro, através da criação de leituras encenadas.

SHARE THIS POST :

TAGS : (COM) VIDA , BLOG , ENTREVISTAS , PUBLICAÇÕES

2 COMENTÁRIOS:

TERESACARIAMENDES@GMAIL.COM 12 de outubro de 2015 às 10:49

Conheci a Inês do tempo do CPA/CCB, sempre a senti como uma construtora de pontes, um elfo a ligar ideias e pessoas. O seu pensamento uma floresta viva e uma presença harmónica entre o fervilhar da criação e uma prontidão serena. Que bom poder conhecer aqui o país mágico em que vives.
teresa caria

Responder

RAQUEL 13 de outubro de 2015 às 01:16

Primeiro estranha-se e depois vai-se entranhando à medida que se vai lendo. Gostei mesmo muito! Esse fluir da e na vida, é simplesmente maravilhoso!

Adicionar comentário Responder

Introduza o seu comentário...

Comentar como: Unknown (Goo ▼ Terminar sessão

Publicar Pré-visualiza Notificar-me

Subscrever: Enviar comentários (Atom)

BLOGS PORTUGAL

Blogs Portugal

34323
Visualizações

© NHEKO | ALL RIGHTS RESERVED | CUSTOMIZATION BY MUDA DE PÁGINA | POWERED BY BLOGGER | BACK TO TOP